



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

KEVYN DE ARAÚJO SILVA

**A VARIAÇÃO DOS *PRETÉRITOS PERFECTOS* NO ESPANHOL ORAL DE
MONTEVIDÉU: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

FORTALEZA

2020

KEVYN DE ARAÚJO SILVA

A VARIAÇÃO DOS *PRETÉRITOS PERFECTOS* NO ESPANHOL ORAL DE
MONTEVIDÉU: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Análise e Descrição Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- S58v Silva, Kevyn.
A variação dos pretéritos perfectos no espanhol oral de Montevidéu: uma análise sociolinguística / Kevyn Silva. – 2020.
91 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de PósGraduação em História, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.
1. pretéritos perfectos de indicativo. 2. Espanhol de Montevidéu. 3. Sociolinguística. I. Título.
CDD 900
-

KEVYN DE ARAÚJO SILVA

A VARIAÇÃO DOS *PRETÉRITOS PERFECTOS* NO ESPANHOL ORAL DE
MONTEVIDÉU: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Análise e Descrição Linguística.

Aprovada em: 20/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus e os espíritos iluminados.

A minha mãe, Kelly.

AGRADECIMENTOS

Não há como não iniciar os agradecimentos e não agradecer a Deus e a todos os espíritos iluminados que me guiaram durante esse processo, não apenas pela conclusão deste trabalho como também por todas as batalhas vencidas durante todo este período.

Agradeço também à minha família, em especial minha mãe Kelly e meu padrasto Reinaldo, que durante todo esse tempo me colocaram no caminho certo e apoiaram as minhas decisões, e me mostraram que mesmo quando a escuridão parece tomar conta, a luz sempre está lá, contanto que estejamos juntos. Família Araújo, honrarei ter me tornado o primeiro mestre da família e espero não ser o último. Obrigado pela luz!

In memoriam, à minha bisavó Geralda, que não chegou a me ver na faculdade, mas sempre acreditou que eu poderia chegar longe, mesmo quando esse longe parecia muito mais distante do que hoje. Ao meu primo Luan, que perdi no meio desta caminhada, sei que todas as nossas lembranças de infância e juventude estarão sempre guardadas. Obrigado pela vivência!

Aos meus amigos que vieram da graduação para a vida, Raimundo e Sâmia. Quando eu ainda nem sonhava em estar aqui, vocês já sabiam que eu era capaz e me ajudaram a chegar aonde estou. Obrigado por estarem ao meu lado!

Aos meus amigos do PPGL, ou melhor, MIGS, Priscila e Wanessa. Sem dúvida alguma, sem vocês do meu lado, não teria conseguido chegar até aqui, com aprendizados que nenhuma academia ensina. Em especial, à Jéssika, quem diria que iria encontrar minha *parabatai* no meio desta loucura toda e que nossa ligação de mentes seria tão avançada. Obrigado por lutarem comigo!

À minha amiga Vitória, que de aluna de estágio do mestrado se tornou uma das pessoas que mais me conhece, compreende e compartilha. Obrigado por me ouvir!

A todos os meus alunos que passaram por mim neste período e que me viram como alguém a se espelhar e se orgulharam junto comigo de todas as conquistas, em especial alguns que se tornaram praticamente amigos, Thaís, Lorena, Ray, Diana, Jamilly e Jenifer, e a um que não foi meu aluno, mas se aproximou como um, Angelo. Obrigado pelo aprendizado!

Ao Grupo Paideia, em especial à Dani Motta e Glaudiney Mendonças. Vocês viram em mim uma pessoa que nem eu conhecia e apostaram que eu poderia ser algo maior. Ευχαριστώ.

A todos os meus colegas de profissão, em especial à Prof.^a Lussilda Cláudia, Prof.^a Gabriela Bandeira, Prof.^a Narla Santos e a Prof.^a Nicinha Dantas, vocês fazem a educação valer a pena, são o passado, o presente e o futuro da nação. Obrigado por se doarem!

Ao Psiquiatra Dr. Orgmar Filho, à Psicóloga Dra. Lindonora Aguiar e à Casa da Caridade. Quando eu mais precisei, vocês cuidaram do meu corpo, da minha mente e minha alma, respectivamente. Obrigado por cuidarem de mim!

Prof Ao. Dr. Valdecy Pontes, meu orientador, que apesar de tudo que passei, nunca desistiu de mim e do meu potencial, acreditando desde o começo da graduação até hoje, depositando toda a sua confiança na minha pessoa, mesmo quando parecia que não havia resultado. Obrigado por me compreender!

À banca avaliadora deste trabalho, Prof.^a Dr.^a Hebe Macedo e Prof.^a Dr.^a Aluiza Araújo. Vocês são grandes mulheres e professoras, que unem a Sociolinguística no Ceará de um jeito magistral, fazendo um trabalho excelente. Obrigado por estarem presentes neste momento!

Às minhas professoras da graduação e do mestrado Prof.^a Dr.^a Letícia Joaquina, Prof.^a Dr.^a Nadja Prata, Prof.^a Dr.^a Beatriz Furtada, Prof.^a Dr.^a Márluce Coan e Prof.^a Dr.^a Hebe Macêdo, vocês foram minhas guias durante estes 7 anos de UFC. Obrigado por compartilhar o conhecimento!

Ao PPGL e a todos os seus professores e professoras. Vocês fazem a diferença na vida de muitas pessoas que talvez nunca tenham imaginado algo além da graduação. Obrigado pela oportunidade!.

À FUNCAP, que financiou esta pesquisa e tantas outras, sem você, a pesquisa científica no Ceará seria muito diferente. Não deixem a ciência morrer. Obrigado por ainda ser uma luz no obscurantismo!

Não há um único homem que não seja um descobridor. Ele começa descobrindo o amargo, o salgado, o côncavo, o liso, o áspero, as sete cores do arco-íris e as vinte e tantas letras do alfabeto; passa pelos rostos, mapas, animais e astros; conclui pela dúvida ou pela fé e pela certeza quase total da ignorância. (Jorge Luis Borges).

RESUMO

O *pretérito perfecto* do indicativo, em língua espanhola, pode se apresentar de duas formas diferentes: o *pretérito perfecto simple (indefindo)* e o *pretérito perfecto compuesto (perfecto)*. Estes tempos verbais podem aparecer com usos e valores distintos, levando em consideração a grande extensão territorial, com falantes de Espanhol. Jara Yupanqui (2013) observa que na maior parte da Hispano-américa o uso do *pretérito simples* e do *pretérito compuesto* se mistura, quer dizer, não há muito distanciamento entre seus contextos de uso. Charly Kany (1969) relata, em seus estudos, que o *pretérito simples* é mais frequente na América que o *pretérito compuesto*. Considerando-se esta distribuição heterogênea, esta pesquisa se propõe a averiguar este fenômeno no Espanhol oral de Montevideú, com o intuito de examinar como esses tempos verbais perfectivos ocorrem dentro desta comunidade de fala. Por tanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar, à luz de pressupostos sociolinguísticos e por meio das narrativas orais do banco de dados PRESEEA - Montevideú (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), o fenômeno de variação no passado perfectivo, no que tange ao uso do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto do indicativo no espanhol oral de Montevideú, levando em consideração as motivações linguísticas e extralinguísticas. Utiliza-se como base teórica a Sociolinguística Quantitativa com a Teoria da Variação e Mudança Linguística, além de categorias de análise do Funcionalismo givoniano. Da parte da sociolinguística, há as considerações de Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2013) e Tarallo (2005), e mais especificadamente para a língua espanhola, Beatriz Lavandera (1978), Silva-Covalán (2001) e Duarte (2017). Baseado nisso, propõe-se como fatores extralinguísticos de análise: sexo (homem e mulher); faixa etária (entre 20 e 34 anos; entre 35 e 54 anos; e maiores de 55 anos); e nível de instrução (nível baixo; nível intermediário; e nível alto). Para os fatores linguísticos, utiliza-se, principalmente, os trabalhos de Givón (1984, 1990, 1995, 2001, 2005) e Pontes (2012) sobre o complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade), tendo como categorias de análise os seguintes fatores: nível semântico-lexical / tipos de verbo (atividade; processos culminados; culminações; e estados); tipos de sequência discursiva (exposição; narração; argumentação; descrição; e diálogo) e Modalidade (*realis* e *irrealis*). A partir dos resultados obtidos, conclui-se que a alternância entre o PPS e o PPC, nessa comunidade, parece indicar um processo de mudança em progresso na direção do PPC, condicionado por variáveis de ordem linguística e social. Dentro deste processo, observa-se que as categorias linguísticas tipo de verbo e modalidade e a categoria extralinguística faixa etária mostraram-se mais significativas para a variação entre PPS e PPC. Assim, concluiu-se que

verbos do tipo processo culminado são os que mais levam à variação, considerando também os contextos da modalidade *realis* aparecem como motivadora da variação, mas apresenta mais frequência na modalidade *irrealis*, colocando como motivadores da variante PPC. Apesar disso, os outros fatores, como tipo de discurso, confirmam as hipóteses iniciais. Além disso, a pesquisa confere o uso da variante *Pretérito Perfecto Compuesto* no espanhol oral da América, o que por muito tempo, foi considerado como hegemônico.

Palavras-chave: *Preteritos perfectos* de indicativo. Espanhol de Montevideu. Sociolinguística.

RESUMEN

El pretérito perfecto de indicativo, en lengua española, puede presentarse de dos modos distintos: el pretérito perfecto simple (indefinido) y el pretérito perfecto compuesto (perfecto). Estos tiempos verbales pueden aparecer con usos y valores diferentes, teniendo en cuenta la gran extensión territorial, con hablantes de español. Jara Yupanqui (2013) observa que, en gran parte de Hispanoamérica, el uso del pretérito perfecto simple y del pretérito perfecto compuesto se mezclan, es decir, no hay un gran distanciamiento entre sus contextos de uso. Charly Kany (1969) relata, en sus estudios, que el pretérito simple es más frecuente en América que el pretérito compuesto. Considerando esta distribución heterogénea, esta pesquisa se propone a averiguar este fenómeno en el Español oral de Montevideo, con el intuito de examinar como esos tiempos verbales perfectivos ocurren dentro de esta comunidad de habla. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar, a la luz de presupuestos sociolingüísticos y por medio de narrativas orales del banco de datos PRESEEA – Montevideo (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América), el fenómeno de variación en el pasado perfectivo, en relación al uso del pretérito perfecto simple y del pretérito perfecto compuesto del indicativo en el Español oral de Montevideo, teniendo en cuenta las motivaciones lingüísticas y extralingüísticas. Utiliza como base teórica la Sociolingüística Cuantitativa con la Teoría de la Variación y Cambio Lingüístico, además de categorías de análisis del Funcionalismo givoniano. Por parte de la sociolingüística, hay las consideraciones de Labov (1972a, 1978, 2001, 2003, 2013) y Tarallo (2005), y más específicamente para la lengua española, Beatriz Lavandera (1978), Silva-Covalán (2001) y Duarte (2017). Basado en esto, se propone como factores extralingüísticos de análisis: sexo (hombre y mujer), edad (entre 20 y 34 años; entre 35 e 54 años; y mayores de 55 años); y nivel de instrucción (nivel bajo; nivel intermediario; y nivel alto). Para los factores lingüísticos, se utiliza principalmente, los trabajos de Givón (1984, 1990, 1995, 2001, 2005) e Pontes (2012) acerca del complejo TAM (Tiempo, Aspecto y Modalidad), teniendo como categorías de análisis los siguientes factores: nivel semántico-lexical / tipos de verbos (actividad; procesos culminados; culminación; y estados); tipos de secuencia discursiva (exposición; narración; argumentación; descripción; y diálogo); e Modalidad (*realis* y *irrealis*). A partir de los resultados obtenidos, se concluye que la alternancia entre el PPS y el PPC, en esta comunidad, parece indicar un proceso de cambio en progreso en dirección al PPC, condicionado por variables de orden lingüística y social. Dentro de este proceso, se observa que las categorías lingüísticas tipo de verbo y modalidad y la categoría extralingüística edad se enseñan más significativa para la variación entre PPS y PPC. Así,

también se concluye que verbos del tipo proceso culminado son los que más levan à variación para el PPC, considerando también los contextos de la modalidad *realis* aparecen como motivadoras de la variación, pero presenta más frecuencia en la modalidad *irrealis*, poniendo como motivadores de la variante PPC. Aunque se pase eso, los otros factores, como tipo de discurso, ayudaron a confirmar hipótesis iniciales. Además de eso, esta pesquisa confiere el uso de la variante Pretérito Perfecto Compuesto en el español oral de América, que, por mucho tiempo, fue considerado heterogéneo.

Palavras-clave: Pretérito perfecto de indicativo. Español de Montevideo. Sociolingüística.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência da ocorrência de PPS e PPC no espanhol oral da cidade de Montevideo	65
Tabela 2 – Atuação do grupo de fator tipo de verbo no uso da variante PPC <i>versus a variante PPS</i>	68
Tabela 3 – Cruzamento entre os fatores tipo de verbo e tipo de discurso com a variante PPC	70
Tabela 4 – Atuação do grupo de fator Modalidade no uso da variante PPC <i>versus a variante PPS</i>	72
Tabela 5 – Atuação do grupo de fator idade no uso da variante PPC <i>versus a variante PPS</i>	75
Tabela 6 – Frequência do grupo de fator tipo de discurso na variação PPC-PPS	78
Tabela 7 – Frequência do grupo de fatores sexo na variação PPC-PPS	79
Tabela 8 – Frequência do grupo de fatores nível de instrução na variação PPC-PPS.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estudos sobre a diversidade linguística dos Pretéritos Perfecto do Espanhol..	27
Quadro 2 – Pressupostos do Sociofuncionalismo	47
Quadro 3 – Divisão do <i>Corpus Español oral de Montevideo</i> disponibilizado no site oficial da <i>Academia Nacional de Letras</i>	52
Quadro 4 – Divisão do <i>Corpus Español oral de Montevideú</i> , disponibilizado no site oficial do PRESEEA	53

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
trad.	Tradutor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	OS PRETÉRITOS PERFECTIVOS EM LÍNGUA ESPANHOLA: UM OLHA ATRAVÉS DO COMPLEXO TAM	21
2.1	Tempo	21
2.1.1	<i>Considerações teóricas</i>	21
2.1.2	<i>Tempo em língua espanhola</i>	23
2.2	Aspecto	29
2.2.1	<i>Considerações teóricas</i>	29
2.2.2	<i>Aspecto em língua espanhola</i>	30
2.3	Modalidade	33
2.3.1	<i>Considerações teóricas</i>	33
2.3.2	<i>Modalidade em língua espanhola</i>	34
3	SOCIOFUNCIONALISMO	36
3.1	Teoria da Variação e Mudança	36
3.2	Funcionalismo	42
3.2.1	<i>Princípio Funcionalista da Marcação</i>	43
3.3	Sociofuncionalismo	45
4	METODOLOGIA	50
4.1	Caracterização da pesquisa	50
4.2	Delimitação do universo e da amostra	51
4.3	Procedimento de coleta de dados	55
4.4	Procedimento de análise dos dados	57
4.4.1	<i>Análise estatística</i>	63
5	ANÁLISE DOS DADOS	65
5.1	Amostras e quantidade de ocorrências	65
5.2	Variáveis estatisticamente significantes	67
5.2.1	<i>Grupo de fatores linguísticos</i>	67
5.2.1.1	<i>Tipo de verbo</i>	68
5.2.1.2	<i>Modalidade</i>	71
5.2.2	<i>Grupos de fatores extralinguísticos</i>	74
5.2.2.1	<i>Faixa etária</i>	74

5.3	Variáveis estatisticamente não significantes	76
5.3.1	<i>Grupo de fatores linguísticos</i>	76
5.3.1.1	<i>Tipo de discurso</i>	76
5.3.2	<i>Grupo de fatores extralinguísticos</i>	78
5.3.2.1	<i>Sexo</i>	78
5.3.2.2	<i>Nível de instrução</i>	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

A língua espanhola é considerada uma das línguas mais faladas no mundo, sendo língua oficial em 21 países, além de ter uma comunidade de falantes muito grande mesmo em países que não falam-na como oficial, é o caso dos Estados Unidos, por exemplo. Com uma vastidão de comunidades de falantes divididas em vários aspectos, como localização, cultura e história, não podemos desconsiderar as peculiaridades de cada país falante e de cada comunidade de fala.

Devido ao tamanho da diversidade linguística que a língua espanhola pode apresentar, alguns autores, como Moreno Fernández (2000; 2010) e Rama (1982), tiveram a preocupação de dividi-la em zonas, com a finalidade de agrupar as semelhanças nos níveis linguísticos fonético-fonológico, morfológico, semântico e pragmático. Seguindo os estudos de Moreno Fernandez (2010), a América é dividida em cinco zonas¹, sendo elas: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; e Chile.

Com essas considerações, Moreno Fernández (2010), correlaciona dos países e extremos falantes da língua espanhola nas seguintes zonas: Caribe: Cuba, Panamá, Porto Rico, República Dominicana, costas da Venezuela e da Colômbia; México e América central: Guatemala, Honduras, El Salvador, México, Costa Rica e Nicarágua; Andes: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia; Rio da Prata e do Chaco: Argentina, Paraguai e Uruguai; Chile.

Vale ressaltar, ainda que, de acordo com Labov (2003), os falantes apresentam variações nas formas linguísticas, conforme o contexto em que ele se insere. E ainda, que a variação que ocorre em todos os níveis de uma é o fator que permite a manifestação dos parâmetros de diferenciação social (LÓPEZ MORALES, 2004).

Levando em consideração tais informações, é indispensável repensar a língua espanhola como um complexo linguístico em evolução, que ocupa um extenso território físico. Assim sendo, muito de seus fenômenos passam despercebidos ou não conseguem tanta relevância dentro de seus respectivos estudos.

É justamente no contexto da língua espanhola da hispano-américa que temos a cidade de Montevideu, capital e maior cidade do Uruguai e sede administrativa do Mercosul, é uma das maiores concentrações de falantes de língua espanhola da América, além de ter uma vasta área urbanizada. Ainda que a densidade demográfica e o tamanho geográfico não sejam

¹ Além das zonas americanas, Moreno Fernández (2010) também propões a divisão da Espanha em três zonas linguísticas, sendo elas: Região castelhana; Região andaluza; e Região canária.

equivalentes, as variedades social e demográfica desafiam a possibilidade de finalizar um estudo linguístico minimamente representativo. Com isso, podemos perceber Montevidéu como uma cidade de grande proporção e de presente variedade de pessoas, interagindo linguisticamente diante de uma estrutura linguística mais complexa, a língua espanhola. Tal interação linguística nos traz à luz a variação dos *pretéritos perfectos*, dentro de seu território.

Tendo em vista tais afirmações, este estudo, caracterizando-se como um estudo sobre os usos dos tempos verbais *pretérito perfecto simple* (PPS) e *pretérito perfecto compuesto* (PPC), deter-se-á a análise do fenômeno de variação dessas duas formas no espanhol de Montevidéu.

Dentro do sistema linguístico do espanhol uruguaio, coletado pelo *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA), através de amostras linguísticas, um fenômeno pode chamar a atenção aos que desconhecem a complexidade da língua espanhola, o PPS e o PPC. Essas formas de representação de passado em língua espanhola são tempos verbais do passado em suas formas perfectivas. Assim, cada uma delas apresenta funções diferentes, com usos e valores específicos para a gramática normativa.

Apesar disso, Jara Yupanqui (2013) afirma que ainda que apresentem aspectos distintos, em muitos dialetos da língua espanhola, esta distinção, PPS e PPC não tem muita funcionalidade. Por outro lado, Charles Kany (1969) pondera que o PPS é mais popular na hispano-américa em comparação ao PPC.

Coseriu (1987) considera que a variação pode ser apresentada de quatro modos, sendo eles: diatópico (quando a variação é de caráter regional); diastrática (quando a variação se configura dentro de grupos sociais); diafásica (quando há variação entre a formalidade e a informalidade); e diacrônica (quando a variação parte das diferentes faixas etárias).

Com isso, é oportuno o desenvolvimento de um estudo sobre esse fenômeno de variação, focalizando as formas do *pretérito perfecto*, de acordo com o contexto, no qual que estão inseridos, principalmente, com a falta de estudos explicando tal fenômeno, inclusive em textos oficiais da *Real Academia Española*.

A respeito do fenômeno, alguns gramáticos e linguistas tentam descrever esse fenômeno há muito tempo. Andrés Bello (1964[1847]) foi um dos primeiros a fazer esse intento, definindo o PPS como o passado e o PPC como o antepresente. Outros autores também podem ser citados por contribuições às noções de função dos *pretéritos perfectos*, como Lope Blanch (1961), Moreno de Alba (1978), Matte Bon (1995), Gutiérrez Araus (1997), Cartagena (1999), Ralph Penny (2004), Gómez Torrego (2005), Oliveira (2007, 2010) e um dos mais recentes manuais da *Real Academia Española* (2010). Cada um desses trabalhos irá discutir a forma de

apresentação desses pretéritos e seus valores temporais e aspectuais, alguns questionando, inclusive, o aspecto² perfectivo desses tempos verbais.

Corroborando com nossa pesquisa, utilizaremos como fundamentação, para a teoria sociolinguística, Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003), sendo um dos precursores nesta área de pesquisa e Tarallo (2005). Além deste, utilizaremos os trabalhos de Beatriz Lavandera (1978) e Silva-Covalán (2001) sobre a Sociolinguística em língua espanhola, como ponto para estudo dela.

Com a área do funcionalismo, apoiar-nos-emos em Givón (1984, 1990, 1995, 2001, 2005) e sua compreensão sobre o complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade). Além disso, retomaremos o estudo de Pontes (2012).

Para o caráter social da pesquisa, foram escolhidos os elementos extralinguísticos faixa etária, gênero/sexo e nível de instrução. Acreditamos que estes condicionamentos poderão ser significativos dentro da investigação, tendo em vista que tais fatores, segundo autores como Eckert (1997), Eckert & Rickford (2001), Votre (2003) e Bortoni-Ricardo (2004), são os que, geralmente, mais expressam a variação dentro de seus níveis.

Com isso, esta pesquisa deseja fornecer subsídios teóricos e metodológicos para o estudo do fenômeno, e, também, para a elaboração de gramáticas e livros didáticos, além de contribuir para a descrição do sistema linguístico da variação uruguaia da língua espanhola, buscando preencher lacunas no estudo dos *pretéritos perfectos* na América.

Tais lacunas surgem com a falta de estudos sobre o fenômeno em Montevidéu e no Uruguai como um todo. Em buscas mais aprofundadas, até o presente momento não foram encontrados estudos sobre os pretéritos em Montevidéu, apesar de alguns autores se deterem em definir o fenômeno na América, como é o caso de Oliveira (2007). Acreditamos que por pertencer a mesma zona dialectal da Argentina, os trabalhos se focam muito mais neste país, tendo em vista os inúmeros trabalhos, como o de Araújo (2013).

Por tanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar, à luz de pressupostos sociolinguísticos e por meio das narrativas orais do banco de dados PRESEEA - Montevidéu (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), o fenômeno de variação no passado perfectivo no que tange ao uso do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto do indicativo no espanhol oral de Montevidéu, levando em consideração as motivações linguísticas e extralinguísticas.

Também objetiva-se examinar os condicionamentos linguísticos: tipo de verbo,

² Cf. Subseção 6.2 Aspecto

presença ou ausência de marcadores temporais, como por exemplo, *ayer* (ontem) e *este año* (este ano), tipo de oração e modalidade – *realis x irrealis* - que motivam uma forma ou outra do passado perfectivo; investigar a atuação dos condicionamentos extralinguísticos: temática, idade e sexo em relação aos *pretéritos perfectos*; analisar os contextos prototípicos de uso de cada uma das variantes dos *pretéritos perfectos* sob análise, considerando o princípio de Marcação.

Para um início do estudo hipotetiza-se que a variação das formas perfectivas de passado (*pretérito perfecto simple* e *pretérito perfecto compuesto*) é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Além dessa consideração inicial, também podemos ponderar outras hipóteses, como:

- a) Ancorados nos estudos de Givón (1990, 2001) e de Pontes (2009), pondera-se que os verbos que indicam situações mais dinâmicas (processo culminado, atividades e culminação) tendem a condicionar o uso do PPS, enquanto os verbos de natureza estática (estados) tendem a condicionar o uso do PPC, posto que, quando utilizamos o PPC, deduz-se que a ação perdura de alguma forma até o momento atual, ou seja, a ação ainda tem valor afetivo para o falante no presente. (GÓMEZ TORREGO, 2005);
- b) Quando uma forma está inserida em um contexto, ela vai tomando características do contexto em que está inserida (FREITAG, 2007), por exemplo, quando o falante se refere a uma terminada ação em um passado próximo, espera-se que ele utilize a forma composta do *pretérito*. Assim, consideramos que o papel da sequência discursiva influencia no uso das variantes sob análise. A partir dos estudos de Rodrigues *et al.* (1996), acreditamos que o PPS tem maior ocorrência em sequências narrativas e descritivas, pois, segundo o autor, há uma correlação entre os tempos verbais e as situações comunicativas;
- c) Com base em Duarte, Coan e Pontes (2016), hipotetiza-se que os marcadores temporais pré-hodiernos, ou seja, marcadores pertencente a uma linha temporal passada ao do momento de fala, condicionam a forma simples, enquanto os marcadores hodiernos condicionam a forma composta;

- d) Em relação à modalidade, tende-se ao uso do *Pretérito Perfeito Simples* com valor de certeza, enquanto utilizarão o *Pretérito Perfeito Composto* com valor de incerteza (DIAS, 2004);
- e) Hipotetiza-se que há mais ocorrências de uso do PPS frente ao PPC, visto que essa variante é mais frequente no Espanhol americano, conforme Fontanella de Weinberg (2004), Aleza Izquierdo e Enguita Utrilla (2010);
- f) O controle do grupos de fatores de nível de instrução, em relação às formas verbais, não tem apresentado resultados significativos, mesmo que se leve em consideração a influência do nível de instrução no uso de formas verbais marcadas/ não previstas nas gramáticas (FREITAG, 2007). Porém, considera-se que os falantes que possuem o nível mais alto de escolaridade, poderiam usar mais a forma composta, pois é uma estrutura considerada mais complexa, considerando o princípio de marcação (GIVÓN, 1991, 1995, 2001);

Exposto as considerações iniciais, a seguir encontram-se a exposição sobre o estudo. A próxima seção trata-se sobre os pretéritos perfectivos em língua espanhola sobre o olhar do complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modo). Em seguida, traz-se os procedimentos metodológicos desenvolvidos neste trabalho, seguido pela explicação da fundamentação teórica utilizada como embasamento desta pesquisa. Finaliza-se com a análise do *corpus* e as considerações finais.

2 OS PRETÉRITOS PERFECTIVOS EM LÍNGUA ESPANHOLA: UM OLHAR ATRAVÉS DO COMPLEXO TAM

Como tempos verbais da língua espanhola, o *pretérito perfecto simple* e o *pretérito perfecto compuesto*, podem ser observados de diversos pontos, para esta pesquisa, foi escolhido o complexo TAM guivoniano. Assim, usaremos como base as categorias propostas por Givón (1984) para análise de tempo (passado, presente e futuro), aspecto (perfectivo e imperfectivo) e modalidade (*realis* e *irrealis*). A tentativa de separar tais categorias ocorre apenas por meios didáticos, pois, sabe-se que tais categorias são interconectadas, dependendo uma das outras.

Leva-se em consideração que o tempo verbal está diretamente relacionado a nossas experiências de tempo como uma sequência, já o aspecto envolve nossa delimitação ou não de um período de tempo. Com a modalidade, levaria em consideração as noções de realidade. Assim, a modalidade constitui-se de uma categoria que remete a atitude do falante quanto ao dito ou ao que se deseja expressar (GIVÓN, 1984).

Nesta seção, faremos uma exposição, de cunho teórico, sobre as categorias de Tempo, Aspecto e Modalidade, as quais serão utilizadas em nossa pesquisa. Além disso, aproveitaremos o momento para fazer um levantamento de pesquisas que corroboram para o desenvolvimento desse estudo e para análise das categorias.

2.1 Tempo

Nesta subseção, apresentaremos a definição da categoria verbal Tempo e, sob esta perspectiva, apresentaremos os tempos verbais *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* da língua espanhola, através dos usos e valores gramaticais, de acordo com os estudos realizados.

2.1.1 Considerações teóricas

Geralmente, em língua espanhola, a noção de Tempo pode ser dada pelo momento indicado pelo verbo, podendo ser presente, passado ou futuro. Para Corôa (2005), as línguas românicas, especialmente, os morfemas temporais podem diferenciar o verbo dependendo da situação em que o falante/ouvinte pode se situar temporalmente. Entretanto, outras construções podem modificar a expressão temporal que aquele verbo carrega, como por exemplo, em “*Voy a viajar mañana*”, o verbo ir da língua espanhola está conjugada no Presente do Indicativo,

entretanto, há um adverbio de tempo, *mañana*, capaz de modificar o espaço temporal do verbo. Neste caso, o adverbio funciona mais como temporalizador para a construção do que a própria conjugação verbal.

Segundo Rojo (1990), a temporalidade linguística é uma categoria gramatical que expressa a orientação de uma situação, referente a um ponto central no fato, chamado de origem, ou referente a outro ponto, que por sua vez, está direta ou indiretamente relacionado com a origem. Esta origem seria um ponto zero com relação a qual se orientam as situações de forma mediata ou imediata, ela coincide, geralmente, com o momento da enunciação, mas não é uma regra que seja assim. O falante tem a capacidade de deslocar a origem para qualquer posição possível.

Em Língua espanhola, podemos citar como exemplo o presente histórico, que não coincide com o momento de enunciação, entretanto faz com que a construção se aproxime do tempo presente, como em “*Jesus muere con 33 años*”, ainda que o fato de Jesus tenha morrido há 1985 anos, isso acontece justamente pela capacidade do falante de deslocamento da origem (VEIGA, 1987).

Para Givón (1984), há de se considerar dois pontos sobre a expressão de tempo: i) sequencialidade e ii) ponto de referência. A primeira faz referência a uma sucessão de pontos, onde cada um tem sua posição fixa na ordem linear, já o ponto de referência é o estabelecimento de um ponto de referência dentro do Tempo linear, no qual o “passado” antecede e o “futuro” prossegue. Assim, para Givón (1984), o Tempo funciona como pontos dentro de uma sequência linear, que nos daria a noção de precedente e procedente.

Ainda, segundo Givón (1984), o Tempo pode aparecer de dois modos dentro de uma construção linguística, podendo ser de forma absoluta ou relativa. A primeira acontece quando o momento do enunciado é o centro do eixo do Tempo, sendo o passado antecessor e o futuro sucessor, por exemplo, “*Terminé el trabajo ayer*”, em que se percebe que a ação é antecessora ao momento de fala. Já a segunda ocorre quando o Tempo está ancorado em um marcador temporal ou por um evento prescrito na construção, como em “*Cuando llegué, tu aún no había llegado*”, ainda que o primeiro verbo, *llegué*, esteja ancorado no momento presente, o segundo, *había llegado*, ele não se fixa pelo eixo do Tempo, mas sim pelo evento expresso primeiro na oração.

Em língua espanhola, essa expressão do tempo verbal vem, principalmente, marcada pelos morfemas modo-temporais, que variam de acordo com número e tempo expressos. Esse fenômeno é melhor visto nas conjugações do PPS do que nas de PPC, tendo em vista que o PPC é construído através do verbo auxiliar *haber* conjugado no presente do

indicativo mais o verbo principal conjugado no particípio, isso ocorre devido à necessidade da conjugação de se aproximar do tempo presente, já que tem como uso principal seu valor de *antepresente*.

Isso corrobora a afirmação de Coan (1997), que a pontua a possibilidade de haver mais pontos dentro da linha temporal que somente o passado, presente e futuro, podendo haver construções “como a de passado próximo, passado remoto, futuro imediato, futuro mais distante, com base na proximidade relativa ao tempo de fala”.

Contudo, observamos que, apesar de os verbos apresentarem marcas temporais, não podemos isolá-los da situação comunicativa, pois, como já exposto, o contexto pode se sobrepor à forma verbal. Assim, considerando que nosso estudo se volta para os usos e valores do PPS e do PPC, apresentaremos a seguir os valores temporais desses tempos, a partir da noção de Tempo, na subseção seguinte.

2.1.2 Tempos em língua espanhola

Alguns estudiosos da língua já tentaram explicar como funcionam os verbos e seus tempos de conjugação. Andrés de Bello (1964[1847]) foi um dos primeiros a realizar estudos neste âmbito. O autor apresenta os tempos do Indicativo e seus valores os separando em cinco tempos simples (*presente, pretérito, futuro, co-pretérito e post-pretérito*) e cinco tempos compostos (*ante-presente, ante-pretérito, ante-futuro, ante-co-pretérito e ante-post-pretérito*). Seguindo as explicações do autor, compreende-se o *pretérito* e o *ante-pretérito* sendo, respectivamente, o PPS e o PPC. Seus estudos para a definição dos termos utilizam como parâmetros, principalmente, o momento de fala e o atributo, que seria a ação que ocorre.

A *Real Academia Española* (RAE) (2010), no manual *Nueva gramática de la lengua española*, apoia-se nas definições de Bello, definindo o PPS como:

O *pretérito perfecto simple* localiza uma situação em um ponto da linha temporal que é anterior o momento da fala. Com CANTÉ as situações se apresentam completas ou acabadas. Deve, pois, se supor que se alcançar os limites inicial e final do evento com os predicados internamente delimitados (RAE, 2010, p. 441) (Tradução nossa)³

Além disso, a RAE (2010) refere-se outros usos e funções para o PPS. Admite, por

³ Original: “El pretérito perfecto simple localiza una situación en un punto de la línea temporal que es anterior al momento del habla. Con CANTÉ las situaciones se presentan completas o acabadas. Debe, pues, suponerse que se alcanzan los límites inicial y final del evento con los predicados internamente delimitados” (RAE, 2010) (Grifo do autor)

exemplo, sua perfectividade, o fato/ação do verbo conjugado não faz referências a repetições, como em «*Me lo pidió*» (Pedi-me), que sugere que o fato de pedir só ocorre uma vez. Também se pode utilizar este tempo para demarcar o início de uma ação, temporalmente, no passado, como por exemplo «*Escribió la carta a las ocho*» (Escreveu a carta as oito), demarcando “*a las ocho*” como início da ação passada.

É possível também, segundo a RAE (2010), utilizar o PPS em uma narrativa de vários fatos e/ou ações em sequência, como em «*Miró después a um lado y a otro. Se coloco junto a ellos, observo sus maletas, se quitó el sombrero[...]*» (Chacón, Voz) (Olhou depois para um lado e para o outro. Se colocou junto a eles, observou suas malas, retirou o chapéu [...])

Com relação ao PPC, a RAE (2010, 438) o define como:

[...] um ANTEPRESENTE na terminologia de Andrés de Bello. Este termo expressa ANTERIORIDADE da situação denotada com respeito a um ponto de referência situado no PRESENTE, o que o caracteriza como tempo relativo (Tradução nossa)⁴

Assim como o PPS, também se admite mais outros usos e funções para PPC. A RAE observa que o PPC pode ter um aspecto continuativo, como em «*Las han empleados durante siglos*» (Foram empregadas durante séculos)⁵, quer dizer, o fato de “*emplear*” está inserido em passado, mas tem características que o leva até uma marcação futura antes da zona temporal do falante.

Por outro lado, construções como «*Así ha sido hasta ahora*» (Assim foi até agora) podem ter duas interpretações, sendo uma delas que o fato de “*ser*” continua sendo assim, e a outra que o fato já deixou de ser assim. Tais construções acrescentam ao PPC o caráter de *aberto*, levando em consideração que deixa a ação aberta para mais uma interpretação.

Em oposição, a RAE (2010) considera o PPS como um tempo absoluto, já o PPC como um tempo relativo, sendo os fatos de um passado próximo ao presente e suas influências no tempo presente, Além disso, o PPS, em muitos países da América, pode admitir os usos do PPC ou é possível que os dois sejam variantes coexistentes do *pretérito perfecto*, se baseando em seus usos como o *ante-presente*.

Matte Bon (1995) utiliza as nomenclaturas *pretérito indefinido* e *pretérito perfecto* como representação, respectivas, de PPS e PPC em sua *Gramática Comunicativa del Español*.

⁴ Original: “[...] un ANTEPRESENTE en la terminología de Andrés de Bello. Este término expresa ANTERIORIDAD de la situación denotada con respecto a un punto de referencia situado en el PRESENTE, lo que lo caracteriza como tiempo relativo” (RAE, 2010, 438) (Grifo do autor)

⁵ Não há correspondente lingüístico para o *Pretérito Perfecto Compuesto* em língua portuguesa, o que justifica a utilização de uma forma ou outra nas traduções, dependendo do contexto utilizado.

Para o autor, o *pretérito indefinido* é, sem dúvidas, o que mais carrega problemas de marcação temporal, o definindo como “estritamente relacionado com o passado com respeito ao momento da enunciação, e se utiliza para informar sobre fatos passados” (MATTE BON, 1995, 19) (Tradução nossa)⁶

Já sobre o *pretérito perfecto*, Matte Bon (1995), “o enunciador emprega o *pretérito perfecto* quando não lhe interessa contar o fato a que se refere em se, se não tão somente na medida que está em relação com o tempo presente” (MATTE BON, 1995, 112) (Tradução nossa)⁷. Assim, como em «¿Has visto a Belén?» (Viu a Belén?) seria uma paráfrase de «Actualmente, ¿tienes visto a Belén em pasado?». (Atualmente, tem visto a Belén no passado?). Este último exemplo pode ser confuso, mas simboliza uma ação atual, que tem reflexo do passado, por isso, se utiliza de *actualmente* e *pasado* na mesma construção.

Gómez Torrego (2005) utiliza as mesmas nomenclaturas utilizadas por Matte Bom (1995), *pretérito indefinido* e *pretérito perfecto*. Segundo o autor, o *pretérito indefinido* seria aquele em que o fato se encontra em uma zona temporal anterior à que se encontra o falante, como no exemplo «Ayer me levanté a las ocho» (Ontem me levantei as oito). Por outro lado, o *pretérito perfecto* se refere a um fato no passado, que estabelece uma relação temporal com a zona temporal em que o falante está inserido, como em «Hoy he levantado a las ocho» (Hoje me levantei as oito).

Ainda, para Gómez Torrego (2005), o que diferencia o *pretérito indefinido* do *pretérito perfecto* é a consideração de término da ação, é dizer, o fato que se expressa está fora da zona temporal do falante, que geralmente, é o presente. Assim, se tem o *pretérito indefinido* como a mais apropriada, junto do presente histórico, como a melhor forma da narrativa com relação aos fatos passados acabados.

Há que se levar em conta, também, que, para Gómez Torrego (2005), o *pretérito perfecto* está diretamente relacionado a questões puramente psicológicas, como no exemplo «Hace tres años que há muerto mi padre», (Faz três anos que morreu meu pai) em que o falante dá a intenção de que a morte, ainda que seja no passado, a afetividade perdura até o presente. Outro uso aparece quando as consequências de uma ação se manifestam no presente, como em «¿Qué mal hemos pasado!» (Que mal passamos!).

De modo geral, os gramáticos costumam admitir os mesmos valores quando

⁶ Original: “estrechamente relacionado con el pasado respecto al momento de la enunciación, y se utiliza para informar sobre hechos pasado” (MATTE BON, 1995, 19)

⁷ Original: “[...] el enunciador emplea el pretérito perfecto cuando no le interesa contar el hecho al que se refiere en sí, sino tan sólo en la medida que está en relación con el tiempo presente (MATTE BON, 1995, 112)

classificam o PPS e o PPC, tendo o primeiro como valor principal de ação começada e acabada no passado, já o segundo, como ação que começou no passado que se reflete no momento presente.

Baseando-se na visão dos gramáticos sobre a normalização dos *pretéritos perfectos*, alguns linguistas fizeram seus trabalhos na intenção de explicar como estas duas variantes se comportam na língua espanhola.

Segundo Ralph Penny (2004), antes que a sociolinguística se preocupasse com a questão da variável *pretérito perfecto*, a alternância PPS e PPC já era estudada por gramáticos e dialetólogos, que defendiam reflexões sobre esta alternância.

A RAE (2010) também teve a preocupação de distinguir algumas zonas linguísticas para o uso do PPC. Mostrando que, em regiões das zonas central e meridional da Espanha, costa peruana, andina boliviana e colombiana, noroeste da Argentina, Cuba e zonas de área antilhana se registra o uso do PPC com o valor de antepresente. Por outro lado, no México, na maioria dos países da América Central, parte do Caribe e da Venezuela, utiliza-se o PPS como ação terminada no passado, como por exemplo «*Hoy estubo más tranquilo*» (Hoje estive mais tranquilo) e o PPC para ação que se iniciou no passado, mas que duram até o momento presente, como em «*He vivido aqui desde que nació*» (Vivo aqui desde que nasci)

Para Gutiérrez Araus (1997), a distinção entre PPS e PPC está mais além de simples questões aspectuais e de marcação temporal. Assim, tem-se em conta as características particulares do espanhol da Espanha e da Hispano-américa, considerando dois fatores principais para a análise: a diversidade da língua, levando em consideração o espaço geográfico e o papel dos advérbios temporais nas construções.

Em outra visão, temos a perspectiva linguística, que considera-se que as duas formas derivam do *pretérito perfecto*, quer dizer, uma forma perfectiva de passado, que, conforme Lindstedt (2000, p. 365), “se caracteriza pela relevância de uma situação passada desde o ponto de vista presente e por sua separação de outras formas de passado” (Tradução nossa)⁸.

Ainda que haja divergência de opiniões sobre o caráter perfectivo do PPC, alguns autores, como Lope Blanch (1961) e Moreno Alba (1978) defendem que seja imperfectivo, utilizando seus estudos com o espanhol mexicano, em que é possível encontrar valores durativos e iterativos, característica de formas imperfectivas.

Apesar de que isso ocorra, as duas formas estão diretamente relacionadas a um

⁸ Original: “[...] se caracteriza por la relevancia de una situación pasada desde el punto de vista presente y por su separación de otras formas de pasado” (LINDSTEDT, 2000, 365)

momento passado relativo ao momento de fala (presente). Mas, segundo Cartagena (1999), o PPC demonstra isso dentro de uma formação temporal presente, como em:

(01) *Pensé* (PPS) *en nuestra nueva casa ayer*. (Pensei em nossa casa ontem)

(02) *He pensado* (PPC) *en nuestra nueva casa hoy*. (Pensei em nossa casa hoje)

Assim, podemos verificar que em (01) o fato de pensar nos traz um ideal de ação iniciada e finalizada em um passado relativamente distante, enquanto em (02), o verbo expressa, também, uma ação iniciada e finalizada no passado, mas o fato se desenvolve mais próximo do presente do que em (01). Podemos confirmar isto através dos marcadores temporais, que reforçam melhor sua zona temporal, *ayer* (passado) e *hoy* (presente).

Conforme Oliveira (2007), baseando-se em suas análises sobre a variação diatópica, pode-se dizer que há variação diatópica no uso das duas formas de pretérito, levando em conta que o PPC é mais frequente em território peninsular que o americano. Além disso, ainda que o PPC apareça com pouca frequência tanto em Espanha como na América, os dados numéricos aportam ter significativas distinções de utilização.

Por fim, em relação ao PPS e ao PPC, pontuamos alguns estudos sobre diversidade linguística inerente a esses tempos verbais na língua espanhola e as suas respectivas considerações, no quadro a seguir:

Quadro 1 - Estudos sobre a diversidade linguística dos Pretéritos Perfecto do Espanhol

AUTOR	CONSIDERAÇÕES
Penny (2004)	A alternância entre as formas do PPS e do PPC foi objeto de atenção antes mesmo da aparição da Sociolinguística variacionista, visto que gramáticos e dialetólogos já teciam reflexões a respeito dessa alternância, pontuando as diferenças entre umas regiões e outras. Além disso, a preferência por uma das duas formas, que atuam neste sentido como uma espécie de marcador regional, levou alguns linguistas a concluir que a oposição entre o PPS e o PPC parece neutralizada em algumas variedades da Língua Espanhola.
Aleza Izquierdo e Enguita Utrilla (2010)	Ao contrário do que nos dizem grande parte dos materiais didáticos, existe sim o uso do PPC na América, ainda que a forma simples seja predominante.
Vidal de Battini (1964)	Na Argentina, o uso do PPC é dominante no Noroeste do país. No restante das regiões argentinas, há a alternância entre a forma composta e a forma simples, porém, o uso do PPS prevalece.

Donni de Mirande (1992)	Exceto nas regiões do norte da Argentina, não se utiliza o PPC para referir-se a um passado com conexão com o presente na língua oral. Os falantes argentinos preferem usar o PPS em quase todo tipo de contexto. Além disso, ressalta que o PPC tem mais frequência no nível culto formal.
Oliveira (2010)	Os complementos adverbiais pré-hodiernos (ayer, la semana pasada, etc.) favorecem o uso do PPS, enquanto os hodiernos (hoy, esta mañana, etc.) ao PPC. Entretanto, é possível encontrar, em contexto hodierno, a forma verbal simples.
Oliveira (2007)	Tanto em países hispano-americanos como na Espanha há o uso tanto do PPS quanto do PPC, porém este ocorre de forma diferente. O emprego do PPS é mais frequente em todo contexto hispânico.
Alcaine (2007)	Devido ao contato com o <i>quéchua</i> , falantes de variedades hispânicas pertencentes ao âmbito andino selecionam o PPS para transmitir uma experiência vivida e o PPC para referir-se a um fato não presenciado, de que não se tem certeza e tampouco pretende o indivíduo comprometer-se com a veracidade da informação
Jara Yupanqui (2013)	A partir do contraste da frequência relativa do PPS e do PPC na variedade do espanhol de Lima (1989 e 2013) com a de outras capitais da América latina. Os dados mostram que Lima (1989) tem um padrão mais distante do México e mais próximo do Chile e da Colômbia. Em contrapartida, os dados de Lima (2013) aproximam-se mais do México e tem cerca da metade dos dados Bonaerenses.
Dias (2004)	Sobre as formas do PPS e do PPC no espanhol mexicano, com base em estudos anteriores, entende-se que a oposição entre esses tempos verbais é aspectual. Pois, a forma simples expressa um valor perfectivo pontual enquanto a forma composta expressa uma ideia de aspecto durativo ou reiterativo. Sendo assim, o PPC, na variedade mexicana, induz a pensar que as ações acontecem no passado e permanecem no presente. Ademais, baseando-se em Gutiérrez Araus (1997), é possível comparar o uso da forma composta na variedade mexicana com o da variedade espanhola, já que em ambas, o uso do PPC pode se referir a fenômenos passados que perduram no presente.

Fonte: Duarte (2017)

Como observado, o uso de PPS e PPC varia constantemente dependendo da região onde está localizado o estudo. Além disso, também podemos observar que até mesmo os valores de uso das duas formas podem variar ou assumir o mesmo valor.

Com exposto sobre o Tempo, a próxima subseção abordará sobre a característica Aspecto, tanto de uma visão geral, como relacionada a língua espanhola

2.2 Aspecto

Temos como objeto de estudo os *pretéritos perfectos*, ou seja, tempos verbais com características perfectivas. Assim, é necessário que apresentemos essa categoria para uma melhor compreensão do Aspecto, ao qual esses dois tempos verbais estão categorizados.

2.2.1 Considerações teóricas

Segundo Ilari (2001), Tempo e Aspecto são categorias temporais, ficando o primeiro com a noção de tempo externo, ou seja, passado, presente e futuro, já o outro traria a noção de duração, instantaneidade, desenvolvimento etc. Costa (2002) complementa explicando que isso acontece porque os dois trazem como base de seu referencial o tempo físico.

Comrie (1981) explica que, dentro da categoria Aspecto, há uma oposição básica que se base na constatação de um fato enunciado, essa oposição ocorre, pois, o verbo pode ter sua constituição temporal interna considerada ou não. Assim, aparece a noção de perfectividade e imperfectividade, que trazem visões distintas sobre a estrutura temporal da situação.

Segundo Comrie (1981), a perfectividade indicaria uma situação em seu contexto geral, sem modificar o sentido da oração, já a imperfectividade é dada ao prestar especial atenção à estrutura temporal da situação. Além disso, a perfectividade traz uma visão externa e concluída, já a outra traz a visão interna do desenvolvimento da ação.

Costa (2002) pontua que o perfectivo expressa o fato enunciado como geral, sem parcialidade ou marcação de alguma forma da sua temporalidade interna. Para a autora, a imperfectividade expressa a temporalidade interna não marcada pelos perfectivos, também podendo considerar como um fragmento de tempo que se desenvolve, ou selecionando fases desse tempo interno.

Para alguns autores, entretanto, essa caracterização das formas perfectivas ou imperfectivas é difícil, pois há traços de significados que são trazidos pelo locutor. Assim, Smith (1997) propõe que o Aspecto seja dividido em três subcategorias, perfectivo (totalidade da situação, com pontos de início e de fim), imperfectivo (parte da situação, não há a delimitação do começo e fim) e neutro (pelo menos da situação e algum ponto definido, início ou fim).

Entretanto, Comrie (1981) ressalta que não é adequado caracterizar os Aspectos perfectivos e imperfectivos apenas por questões de construções durativas ou não, apesar da duratividade do evento, geralmente, está ligada a formas imperfectivas. Assim, Freitag (2007)

conclui que não basta para ver o caráter do verbo, mas também observar o contexto em que as construções estão inseridas.

Pontes (2012) retoma García Fernández (2004) e apresenta a distinção entre Aspecto Gramatical e Aspecto Lexical. Na concepção de Pontes (2012), o primeiro é mais subjetivo, permitindo ao falante utilizar o ponto de vista que desejar frente ao predicado. Já o segundo seria uma caracterização léxica que faz parte do significado de cada verbo, permitindo classificá-lo em classes diferentes de situações ou eventos, considerando apenas a extensão temporal. Por isso, para Vendler (1967), não podemos usar apenas o Tempo para explicar as classes dentro da extensão temporal, entrando outros fatores.

Assim, concluímos que o Tempo e Aspecto estão interligados na língua espanhola, levando em consideração que os verbos estão diretamente ligados a bases tipicamente temporais. O primeiro preocupa-se na localização temporal da ação em relação ao todo, enquanto o Aspecto desvela o desenvolvimento da ação, baseando-se na localização temporal. Por isso, a seguir, discutiremos sobre o Aspecto na língua espanhola.

2.2.2 Aspecto em língua espanhola

Com respeito ao Aspecto em língua espanhola, as gramáticas sofrem um grande déficit de conteúdo. Para Pontes (2012), “as gramáticas de Língua Espanhola, no estudo da morfologia do verbo, de modo geral, não apresentam a categoria Aspecto. Isto acontece porque os autores tomam como modelo de análise a gramática latina, na qual predomina a ideia temporal no estudo do processo verbal” (PONTES, 2012, p??). Assim, faremos um apanhado teórico de alguns estudos já realizados com o *pretérito perfecto* em língua espanhola.

Segundo Moreno de Alba (1978), o Aspecto em língua espanhola se apresenta através das formas opositivas perfectivas e imperfectivas. O autor compreende que quando o verbo expressa uma ação ou situação concluída se apresentará no Aspecto perfectivo, já quando há a noção de uma ação ou situação em processo, ele se caracterizará como imperfectivo. Assim, independentemente de o verbo estar no *pretérito (cante)*, *antepresente (he cantado)* e até o *copretérito (copretérito)* podem se configurar como perfectivos.

Alarcos Llorach (1994), por outro lado, acredita que o PPS e o PPC não possuem diferenças na categoria Aspecto, tendo em vista que ambas são denominadas perfectivas, então a oposição entre os dois tempos verbais ficaria apenas por questões temporais. Para o autor, o PPS compreende uma ação iniciada e acabada no passado, já o PPC seria uma ação iniciada em

um passado mais próximo e que dura até o presente, levando as duas formas a assumir um caráter aspectual durativo.

Henderson (2008, 2010, 2018), ao apresentar o PPC como um tempo verbal com valor genérico. Segundo o autor, o falante se move entre dois planos diferentes da conceitualização, um *referente genérico* e outro particular o de *caso*.

Henderson (2008, p.73) faz a seguinte afirmação:

Dado que a RG (referência genérica) através do PPC é capaz de referir tanto a uma situação determinada como a várias situações de uma mesma classe sem fazer precisões temporais concretas, pode dizer-se que o PPC é propício – lembre-se, não obrigatório – para as situações que por diferentes motivos não se quer, não se pode ou não se interessa apresentar com instancias concretas ou realizações bem determinadas. (HERDERSON, 2008, p.73) (Tradução nossa)⁹

Assim, Henderson (2018) considera a variação entre os tempos como uma estratégia discursiva para localizar as situações em um plano genérico, atribuído ao PPC ou um plano de concretização, através do PPS.

Para Pontes (2012), o PPS e o PPC podem codificar recenticidade aspectual, que seria o PPS expressando uma ação distante e acabada e o PPC expressando uma ação acabada porem recente.

Entretanto, a última edição da “*Nueva Gramática de la lengua española*” da RAE (2009) é o que define o PPS e o PPC como tempos perfectivos. Essa classificação corresponde a três características: déctica ou referencial (valor temporal), aspectual (perfectivo) e morfológica (simples).

Por último, colocamos em destaque o estudo de García Fernández (2006) que retoma muitas das pesquisas recentes e analisa o Aspecto, a partir da relação entre o tempo do evento e o tempo do foco, propondo, assim, cinco tipos de Aspecto (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2006, p. 45):

a) Imperfeito: o tempo do foco (TF) está incluído no tempo da situação (TS). Focaliza a parte interna da situação sem mencionar o início ou o final.

(03) *Hace dos días Juan pintaba su casa.* (Faz dois dias que Juan **pintava** sua casa).

b) Perfectivo ou Aoristo: O tempo do foco (TF) inclui todo o tempo da situação (TS), desde seu início a sua finalização.

⁹ Original: Dado que la RG a través del PPC es capaz de referir tanto a una situación determinada como a varias situaciones de una misma clase sin hacer precisiones temporales concretas, puede decirse que el PPC es propicio – recuérdese, no obligatorio – para las situaciones que por diferentes motivos no se quiere, no se puede o no interesa presentar como instancias concretas o realizaciones bien determinadas.

(04) *El presidente leyó su discurso a las ocho.* (O presidente **leu** o seu discurso às oito.)

c) Perfeito: o tempo do foco (TF) é posterior ao tempo da situação (TS). Esta variedade aspectual enfatiza os resultados do evento.

(05) *Hace dos días Juan ya **había pintado** su casa.* (Fazia dois dias que Juan já **tinha pintado** a casa)

d) Prospectivo: o tempo do foco (TF) é anterior ao tempo da situação (TS).

(06) *Hace dos días Juan **iba a pintar** su casa.* (Fazia dois dias que Juan **ia pintar** a sua casa.)

e) Continuativo: o tempo do foco (TF) abrange desde o início do tempo da situação (TS) até um ponto interno de seu desenvolvimento.

(07) *Juan **lleva dos horas pintando** su casa.* (Juan **gasta duas horas pintando** a sua casa.)

A seguir, apresentamos o sistema aspectual do Espanhol, proposto por García Fernández (2006):

a) Prospectivo: a fase ou período prévio, o TF é anterior ao TS.

b) Incoativo: focaliza o início da ação.

c) Continuativo: desde o início até o momento anterior ao final (ponto interno do desenvolvimento da ação).

d) Imperfeito: posterior ao início e anterior ao final, o TF está incluído no TS.

e) Progressivo: focaliza somente um instante.

f) Habitual: repetição que caracteriza a ação como um costume.

g) Contínuo: focaliza uma situação que se mantém estável durante o intervalo de tempo que se toma como referência.

h) Aoristo ou Perfectivo: desde o início até o final.

i) Terminativo: focaliza o final da ação.

j) Perfeito: focaliza o período posterior ao evento. Temos dois tipos de Aspecto Perfeito:

1) Resultativo: focaliza o resultado de uma ação anterior.

2) Experiencial: estado de coisas que supõe ter tido uma experiência anterior:

(25) *Yo ya he comido espaguetis.* (Eu já comi espaguetis.)

Na subseção seguinte, discutiremos o sobre a categoria Modalidade, considerando sua utilização em língua espanhola.

2.3 Modalidade

Nesta subseção, discutiremos sobre a categoria Modalidade, utilizando como base textos teóricos e estudos aplicados à língua espanhola.

2.3.1 Considerações teóricas

Muitos autores já trouxeram suas contribuições para os estudos de Modalidade, sendo um dos primeiros, Lyons (1977) coloca a Modalidade como o ponto de vista do falante a respeito da proposição, pontuando três tipos de Modalidades linguísticas, sendo elas: alética, que indica a necessidade ou contingência; epistêmica, que exprime certeza ou probabilidade; deôntica, que alude a obrigação ou permissão.

Alguns outros funcionalistas também deram suas contribuições para o que seria a categoria Modalidade. Halliday (1985), por exemplo, coloca a Modalidade como uma avaliação do falante sobre probabilidades ou do grau de evidência de uma afirmação. Já Hengeveld (1988) define a Modalidade como todos os meios linguísticos pelos quais o falante pode expressar seu comprometimento com a verdade.

Entretanto, partiremos de uma concepção norte-americana do funcionalismo que trará a categoria Modalidade associada a um contexto comunicativo. Assim, Givón (1984) traz as seguintes categorizações da Modalidade, baseando-se numa interpretação pragmática-discursiva: a) pressuposição; b) asserção ‘*realis*’; c) asserção ‘*irrealis*’; e d) asserção negada. Utilizaremos os exemplos do próprio autor para explicar cada uma:

(08) “Joe cut a log. (Joe cortou um troco)

(09) “Joe will cut a log.” (Joe cortará um tronco)

(10) “Maybe Joe caught a whale.” (Talvez Joe tenha pegado uma baleia)

(11) “Joe not wanted a whale.” (Joe não quis uma baleia)

Assim, em (08) temos um caso de pressuposição, pois se atribui um valor de verdade a sentença que não pode ser refutada pelo ouvinte, No exemplo (09), há esse mesmo valor de verdade, e a partícula “*will*” da língua inglesa, traz um comprometimento com a ação, mesmo que no futuro. No exemplo seguinte, (10), a proposição é considerada como possível ou necessária. Já no último, (11), a proposição já vem marcada como falsa.

Para que sigamos adiante, é necessário fazer a distinção entre Modalidade e Modo. Assim, Cunha e Cintra (2008) definem Modo como as distintas formas que um verbo utiliza para expressar uma indicação de atitude. Já Coan (2003) apresenta Modo como uma categoria morfológica do verbo e possui distintos paradigmas verbais, podendo ser indicativo, subjuntivo e imperativo.

Lyons (1977) “o modo é uma categoria gramatical que pode ser encontrada apenas em algumas línguas, não em todas. E, não pode ser identificado como modalidade ou força ilocucionária”. Assim sendo, a diferença básica entre eles está assentada no fato de que a Modalidade está ligada à codificação da atitude do falante sobre a informação, e o Modo seria a codificação da Modalidade, podendo assim obter graus de certeza, dúvida, suposições etc.

2.3.2 Modalidade em língua espanhola

Pontes (2012) já afirmou que a Modalidade em língua espanhola pode ser codificada por diversas formas, mas, principalmente pelo modo verbal. Para Milani (2006), as formas verbais do modo indicativo expressam a oposição realidade e não realidade das ações, colocando em um extremo a possibilidade de realiza-las, ficando no outro extremo o modo subjuntivo, expressando ações hipotéticas, prototípicas do Modo Subjuntivo. Já o modo imperativo, segundo Martins (2010) é usado para: dar instruções; dar conselhos e fazer recomendações; dar ordens e fazer um pedido; e oferecer algo.

Segundo Pontes (2012), a escolha entre um modo e outro vai depender do grau de segurança que se tem ou se pretende dar à realização da situação ou da ação. Assim, quando o falante usa o modo subjuntivo, não tem a certeza de que a ação irá ser concretizada, por outro lado, ao utilizar o indicativo, subentende-se que o falante tem a certeza do ato.

Concordando com Dias (2004), em que a categoria Modalidade tem sua importância para a análise do *pretérito perfecto* do indicativo, tendo em vista que nem todas as construções enunciativas permitem a categorização aspectual. Assim, é necessário considerar que a oposição entre PPS e PPC na América Hispânica não está diretamente ligada aos marcadores temporais e que há casos em que é difícil atribuir valores aspectuais ao mesmo.

Com relação as categorias *realis* e *irrealis*, utilizaremos como base os estudos de Henderson (2010, 2017, 2018). Segundo o autor, através da dimensão discursiva a variação entre o PPC e o PPS no Uruguay está vinculado a um caráter de concretude. Henderson (2018) conclui que quando o falante se refere a algo particular, baixa-se ao plano da concretização, assim, a um plano de temporalidade perfilada, localizando a ação como concreta no PPS.

Com o PPC, Henderson (2018) chega à conclusão que é lidada como um conceitualização genérica da ação, dando ao PPC um caráter menos concreto, temporalmente não localizado, definido ou específico.

Com o exposto, utilizando as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade, possibilitamos uma análise linguística mais aprofundada e com uma compreensão adequada em relação ao *pretérito perfecto*.

3 SOCIOFUNCIONALISMO

Inicialmente, apresentaremos a teoria linguística na qual nos fundamentamos em nossa pesquisa, ou seja, a Teoria de Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001; SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Tal modelo teórico-metodológico defende que toda língua sofre mudança e varia de acordo com aspectos linguísticos e extralinguístico. Assim, iniciaremos com uma descrição sobre o surgimento da Linguística como ciência até o aprofundamento da Sociolinguística.

Neste momento, ainda, discutiremos sobre as categorias linguísticas que foram utilizadas como base para a análise dos usos de PPS e PPC, tendo em vista categorias Funcionalistas de análise, sendo elas: Princípio da Marcação (GIVÓN, 1984, 1990, 1995; DUBOIS e VOTRE, 1994), Tipos de Verbo (VENDLER, 1957, 1967) e Sequência Discursiva (PAREDES SILVA, 1999). Ao final, abordaremos o Sociofuncionalismo, ou seja, a articulação de pressupostos da Sociolinguística Quantitativa com os do Funcionalismo linguístico.

3.1 Teoria da Variação e Mudança

Sabe-se que a Linguística inicia-se como ciência autônoma no início do século XX, voltando-se para explicação e descrição do funcionamento da linguagem humana. À Ferdinand de Saussure é atribuído o objetivo de definir o caráter científico desta nova ciência. Assim, Saussure define o objeto de estudos da Linguística, o que não havia acontecido até então. Com isso, o linguista tenta racionalizar os estudos linguísticos, criando dicotomias como sincronia x diacronia, paradigma x sintagma e a mais importante, e também relevante para o nosso estudo, a *langue* (língua) e a *parole* (fala).

Langue e *parole* é a dicotomia básica de Saussure, fundamentada na oposição social/individual. Segundo o linguista “a linguagem tem um lado individual (*parole*) e um lado social (*langue*), sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2012[1916]).

Há três concepções para *langue*: acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática e funcional. A *langue* é uma realidade psíquica formada de significados e imagens acústicas; “constitui-se num sistema de signos, onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (SAUSSURE, 2012[1916]). Assim, a *langue*, como acervo linguístico, “é o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (SAUSSURE, 2012[1916]).

Saussure (2012[1916]) considera que a *langue* não está completa em nenhum indivíduo, e só na massa ela existe de modo completo por isso, ela é, ao mesmo tempo, realidade psíquica e instituição social. Para Saussure (2012[1916]), a *langue* é; ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos; é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la. (SAUSSURE, 2012[1916])

Saussure vê a *langue* como um objeto de natureza homogênea e que, portanto, se enquadra perfeitamente na sua definição basilar: “a *langue* é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012[1916]).

A *parole*, ao contrário da *langue*, Saussure (2012 [1916]) a apresenta multifacetada e heterogênea. Diz: “a *parole* é um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir as combinações pelas quais o falante realiza o código da *langue* no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. Saussure classifica a *parole* como o “lado executivo” da linguagem cuja “execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor”.

Considera ele que a *langue*, como representação coletiva, como qualquer outra instituição social, a *langue* se impõe ao indivíduo coercitivamente. Por isso, ela se constitui um elemento de coesão e organização social.

A *parole*, ao contrário da *langue*, por se constituir de atos individuais, toma-se múltipla, imprevisível, irredutível a uma pauta sistemática. Os atos linguísticos individuais são imitados, não formam um sistema. Os atos linguísticos sociais, bem diferentemente, formam um sistema, pela sua própria natureza homogênea. Ora, a Linguística como ciência só pode estudar aquilo que recorrente, constante, sistemático. Os elementos da *langue* podem ser, quando muito, variáveis, mas jamais apresentam a inconstância, a irreverência, a heterogeneidade características da *parole*, a qual, por isso mesmo, não se presta a um estudo sistemático.

E, sustentando a autonomia dos estudos da *langue*, afirma “a *langue* é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da *parole* (fala) conserva a *langue* (língua), contanto que compreenda os signos vocais que ouve”. Para Saussure “...esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente: a *langue* é necessária para que a *parole* seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta (a *parole*) é necessária para que a *langue* se estabeleça”. E adverte: “historicamente o fato da *parole* vir sempre antes e deixa claro que “é

a fala (*parole*) que faz evoluir a língua (*langue*): são impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos” Tamanha é a interdependência entre a *langue* e a *parole* que Saussure considera a *langue*, ao mesmo tempo, instrumento e produto da *parole*. O próprio mecanismo de funcionamento da linguagem repousa nessa interdependência: “Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala (*parole*)? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua (*langue*) materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências.

A razão de Saussure ter preferido tomar o caminho da *langue* quando se viu diante de sua famosa "bifurcação" encontra-se em outra oposição consequente: sistema/não-sistema, isto é, sistema: *langue*; não-sistema: *parole*. Sendo o sistema superior ao indivíduo, todo elemento linguístico deve ser estudado a partir de suas relações com os outros elementos do sistema e segundo sua função e não por suas características extralinguísticas — físicas, psicológicas etc. O conhecido exemplo do jogo de xadrez esclarece o pensamento saussuriano nesse particular.

Uma peça até pode ser substituída por outra, desde que a substituta venha a ser utilizada conforme as regras do jogo. Levando para o sistema linguístico o exemplo de Saussure, temos que *todo elemento linguístico* — uma vogal, uma consoante, um acento, um fonema e etc— *deve ser definido linguisticamente apenas de acordo com suas relações (sintagmáticas e paradigmáticas) com os outros elementos ou por sua função no sistema, e não levando-se em conta suas acidentais propriedades*. Aqui toma-se pertinente introduzir outra postulação saussuriana, segundo a qual *A Língua é Forma e não Substância*.

Mesmo tendo dado tanta ênfase ao estudo da *langue*, Saussure não deixou de tratar também da substância (*parole*), reconhecendo que a sua função é fazer a ligação com a forma, que é, em última análise, para ele, a verdade total. Saussure admitiu tacitamente que a língua (*langue*) não é só analogia, ela tem também as suas sólidas e saudáveis anomalias.

Contudo, a dicotomia saussuriana não ficou livre de críticas nesse seu mais de meio século de existência. A principal delas partiu do linguista romeno Eugenio Coseriu, que propôs uma divisão tripartida por achar insuficiente a bipartição saussuriana. Essa divisão vai do mais concreto (*parole*) ao mais abstrato (*langue*), passando por um grau intermediário: a *norma*.

Francisco da Silva Borba define a *norma* como “*um conjunto de realizações constantes e repetidas, de caráter sócio-cultural e dependente de vários fatores operantes na comunidade idiomática*. Em outras palavras, há realizações consagradas pelo uso e que, portanto, são normais em determinadas circunstâncias linguísticas, circunstâncias estas

previsíveis pelo sistema funcional. É à *norma* que nos prendemos de forma imediata conforme o grupo social de que fazemos parte e a região onde vivemos. Considerando-se a *langue* (o sistema) um conjunto de possibilidades abstratas, a *norma* seria então um conjunto de realizações concretas e de caráter coletivo da *langue*. A *norma* é o “*como se diz*”, e não o “*como se deve dizer*”, por isso “os conceitos que, com referência a ela, se opõem são normal e anormal e não correto e incorreto. Em resumo, em termos coserianos, a *parole* é o real individual, a *norma* é o real coletivo e a *langue* é o ideal coletivo, nem sempre normal, embora possível e disponível.

A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a língua em seu contexto social, levando em consideração as relações entre as estruturas linguísticas e os aspectos extralinguísticos da produção do discurso. Um de seus princípios é compreender os principais fatores que influenciam em fenômenos de variação linguística e qual a importância deste fenômeno dentro do contexto (CEZARIO & VOTRE, 2008)

A Sociolinguística surge como uma forma de reação ao modelo de análise linguístico de Noam Chomsky (1965), que tem como seu objeto de estudo a competência linguística de um falante ideal, que, supostamente, está inserido em uma comunidade de fala homogênea. Assim, William Labov (1963, 1978, 1994, 2003, 2008 [1972] 2010) inicia um novo modelo teórico-metodológico de analisar as línguas, que leva em consideração não só um falante ideal e sua comunidade, mas também uma relação entre sociedade e língua e a possibilidade de sistematizar as variações existentes (TARALLO, 2005).

Assim, Labov (2008[1972], p 13) acredita que a Sociolinguística variacionista tem como função a análise da “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Ainda que Labov tenha iniciado este modelo análise, ele não foi o primeiro a estudar a língua através da sociedade. Segundo Blas Arroyo (2005), autores como Schuchardt, Sapir, Fries y Pike faziam trabalhos relacionados as duas áreas. Inclusive, os dois últimos, já introduziam a noção de variação como “a coexistência de sistemas linguísticos diferentes, aos que teriam acesso os falantes, quem, deste modo, poderia alternar entre uns e outros segundo a circunstância” (BLAS ARROYO, 2005, p. 26) (Tradução nossa)¹⁰

Como precursor dos estudos em sociolinguística, Labov surge, na década de 1960, com os estudos em “sociolinguística variacionista” ou “sociolinguística laboviana” (LABOV,

¹⁰ Original: “*la coexistência de sistemas linguísticos diferentes, a los que tendrían acceso los hablantes, quienes, de este modo, podría alternar entre unos y otros según las circunstancias*”

[1972] 1978; 1994; 2001; 2003; 2008; 2010), trazendo o pressuposto teórico e definições importantes para os estudos da área, como *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*.

Assim, *variedade* é a fala característica de um dado grupo, podendo ou não ser delimitado por uma zona geográfica, por exemplo, nas línguas espanholas, que se pode encontrar diversas variedades, como o espanhol de Lima, do México, de Montevideo etc.

Varição ocorre quando duas formas podem ocorrer em um mesmo contexto com o mesmo significado (LABOV, 1978), se pode exemplificar com o uso de *fresa* e *frutilla* em língua espanhol, as duas tem o mesmo significado aparente e aparecem dentro do sistema linguístico geral da língua espanhola para representar a mesma fruta, a depender do país: *frutilla* em Argentina, Chile, Paraguay, Uruguay e Ecuador; *fresa* na Espanha e os demais países da Hispanoamérica.

Já *variável* seria o lugar na gramática em que se pode localizar a variação, como por exemplo, as formas de tratamento ou advérbios de intensidade. Weireich, Labov e Herzog (1968) introduziram a noção de variável linguística, que seria um elemento variável e que esteja no mesmo sistema, sendo controlado por uma regra singular. Ela é composta por duas ou mais variantes, que, semanticamente, remetem a um mesmo contexto de maneiras diferentes ao mesmo estado de coisa.

Por fim, *variantes* são as formas individuais que disputam pela expressão da variável, como *tú*, *usted* e *vos* em língua espanhola, que são variantes da variável “forma de tratamento” (COELHO *et al*, 2015). Assim, de acordo com Labov (1978), as variantes constituem diversas maneiras de se expressar um determinado estado de coisas, ou seja, expressões que remetem ao mesmo contexto de interação em que estão inseridas.

Além disso, podemos encontrar variação em todos os contextos linguísticos, seja lexical, fonológico, morfológico, sintático e inclusive discursivo. As variantes podem adquirir distintas características e classificações, como padrão e não-padrão (quando uma é normalizada pela gramática e a outra não), em língua espanhola, temos como exemplo o *laísmo* e o *loísmo*, que ocorre quando o pronome complemento indireto *le* é substituído pelas formas dos pronomes complementos diretos *la* ou *lo*, respectivamente; de prestígio e estigmatizada (quando uma é mais valorizada pela sociedade que a outro), em língua portuguesa, por exemplo, o uso da forma de tratamento “nós” aparece com mais prestígio para os falantes do que a forma “a gente”; e conservadora e inovadora (quando uma variante já existia temporalmente e surge outra para competir em um contexto linguístico pelo prestígio), em língua portuguesa, isso pode ser observada no surgimento da forma “você”, que ao longo do tempo foi substituindo a forma “vós merced” (COELHO *et al*, 2015)

Entretanto, foram necessárias várias críticas a esta teoria para que chegasse ao caráter que ela possui hoje. Uma das primeiras críticas feitas ao modelo está no artigo *Where does the Linguistic Variable Stop?*, escrito por Beatriz Lavandera (1977), que critica a forma como é posto o modelo metodológico da sociolinguística e a relação com outros níveis de linguísticos que não o fonético. Assim, sendo, seria complicado aceitar, dentro de uma variação sintática, que duas formas possam assumir o mesmo significado, acreditando que questões como essa não sejam influenciadas por fatores extralinguísticos, mas por condicionamentos linguísticos e funcionais que fazem o falante utilizar uma forma ou outra.

Labov (1978) responde a crítica de Lavandera (1977) em seu texto intitulado *Where does the Linguistic Variable Stop? A response to Beatriz Lavandera*, afirmando que são considerados variantes os enunciados que possuem o mesmo significado referencial, ou seja, o mesmo significado representacional ou estado de coisa. Assim, quando um ou mais enunciados possuem um mesmo valor de verdades, eles podem ser considerados variantes.

Assim, a variação linguística pode ser percebida quando houver mais de uma possibilidade de expressão, ou seja, diferentes recursos linguísticos para uma determinada função linguística em uma dada comunidade de fala, de modo que não interfere no processo de comunicação entre falantes. Segundo Company e Company (2003), pode ser considerado uma ocorrência de uma variação em: dois grupos de falantes; em um indivíduo que tem como escolher entre duas estruturas; e dependendo da situação comunicativa, escolher uma estrutura em detrimento da outra.

Com respeito a comunidade de fala¹¹, esse termo se refere a um grupo de indivíduos que compartilham os mesmos traços linguísticos, possibilitando a diferenciação deste mesmo grupo de outros grupos, pois comunicam-se mais entre si e tem como principal característica o compartilhamento de normas e atitudes frente ao uso da linguagem (LABOV, 1972). Como tal definição é ampla, pois abarca comunidade de fala de um modo geral, Guy (2000) propõe três características para definir uma comunidade de fala: características linguísticas compartilhadas; densidade de comunicação interna relativamente alta; e normas compartilhadas.

A primeira característica proposta por Guy (2000) consiste no uso de sons, palavras ou construções gramaticais na comunidade de fala, quer dizer, o uso não ultrapassa para outras comunidades. Na segunda, a frequência de fala do falante está mais próxima de membros de sua comunidade do que com membros de outras comunidades. Na última, os falantes compartilham as mesmas atitudes linguísticas, como uso da língua, norma e avaliações diante

¹¹ Esse conceito será utilizado em nossa pesquisa para designar a comunidade de fala Montevideu

do uso da linguagem (GUY, 2000)

Vale colocar em destaque que a pesquisa sociolinguística, além de seus pressupostos teóricos, também, foi capaz de criar um modelo específico de entrevista com informantes, capaz de conseguir o melhor do vernáculo através de induções do entrevistado no entrevistado. Isso, utilizando um modelo pré-organizado. Para Coelho *et al* (2015):

“[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade é verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; mas só podemos obter esses dados através da observação sistemática. Labov apresenta uma proposta para tentar neutralizar esse paradoxo [...]” (COELHO *et al*, 2005)

Segundo Pontes, Coan & Duarte (2016), seguindo observações de Tarallo (2005), o modelo sociolinguístico de investigação segue a seguinte ordem:

- i. Recolecção expressiva de dados da língua que se analisa, de forma que estes dados representem o vernáculo da comunidade;
- ii. Descrição detalhada da variável e o perfil completo das variantes que participam;
- iii. Análise dos possíveis fatores que condicionam, sejam linguísticos ou não, que favoreçam o uso de uma variante sobre outra(s);
- iv. Encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade;
- v. Projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade

A seguir, faremos uma breve exposição acerca do Funcionalismo, dando enfoque ao Princípio da Marcação.

3.2 Funcionalismo

Os primeiros pensamentos considerados funcionalistas surgiram na Escola de Praga, no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius. Em realidade, há uma reação aos princípios propostos pelo estruturalismo, que põe em foco a forma e não a função. Para isso, houve uma tentativa de inserir a fala nos estudos da língua, considerando que Saussure considerava a língua como homogênea e desconsideração a fala em suas pesquisas, por acreditar que ela é caótica e de difícil sistematização.

O funcionalismo praguense contribuiu para os estudos da linguística de vários modos. Os principais são: a noção de perspectiva funcional da sentença e o dinamismo comunicativo, já que tais não eram utilizados pela maioria dos estruturalistas da época.

Além da Escola de Praga, há a escola inglesa de Halliday. Segundo Furtado da Cunha (2008): “[...] a teoria funcional de Halliday, que surge na década de 1970, está centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções do enunciado e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura”. Ele considerava a gramática como natural, porque se propôs a pesquisar a língua como é utilizada, acrescentando o contexto situacional.

Para Nogueira (2006), a proposta de Halliday é de uma teoria sistêmico-funcional do significado como eleição, pela qual a língua é interpretada como um conjunto de opções. Assim, é através de uma análise das estruturas linguísticas de um texto que percebemos o significado de cada termo na elaboração da construção.

Na América, mais especificamente nos Estados Unidos, surge um grupo de linguistas que estuda a língua de um ponto de vista funcional. Entre os autores estão: Li e Thompson, DuBois, Givón, Hopper e Thompson. Ainda que não tenham criado nenhuma teoria geral, segundo Nogueira (2006), foi um marco nas orientações funcionalistas.

A seguir explanaremos sobre o casamento teórico da Sociolinguística e do Funcionalismo, o Sociofuncionalismo.

3.2.1 Princípio de Marcação

Os linguistas da escola de Praga foram os responsáveis pela introdução do princípio da marcação. Este seria uma nova interpretação a noção de valor linguística de Saussure para diferenciação de um par contrastivo, isso quer dizer que a diferença entre os membros de uma determinada categoria se dá por meio da presença de uma propriedade em e da ausência desta mesma propriedade em outra, assim, elemento marcado e elemento não-marcado, respectivamente.

Para Givón (1995), o elemento marcado é estruturalmente mais complexo, assim, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. Porém, a marcação não depende apenas dessa definição, sendo necessário observar o contexto de interação para poder definir claramente um elemento com marcado ou não-marcado, entrando os fatores comunicativos, sócio-culturais, cognitivos e biológicos.

Givón (1990, p. 947) aponta três critérios para avaliação da marcação:

- a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.
- b) Distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente que a não-marcada.

- c) Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada

Entretanto, segundo Givón (1990), a marcação não pode ser determinada de forma absoluta, pois a estrutura pode ser marcada ou não dependendo do contexto em que ocorre. Por exemplo, em uma narrativa em que temos os pretéritos perfeito e imperfeito, a forma marca, nesse contexto, será, provavelmente, o pretérito imperfeito, tendo em vista que ela tende a ser mais complexa estruturalmente e cognitivamente e menos frequente.

Ainda assim, Dubois e Votre (1994) sugerem o estabelecimento do equilíbrio cognitivo contextual, afirmando que a marcação pode atuar de acordo com o princípio de expressividade retórica. “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação.” (DUBOIS e VOTRE, 1994, p. 12). Concluindo assim, que, formas marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas tendem a estar presentes em contextos mais marcados.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos: a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes; b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o *status* de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o *status* de marcadas; no discurso oral/informal, há o predomínio das orações coordenadas, que são cognitivamente mais fáceis de processar do que as orações subordinadas; c) Modalidades nominais: 1. *papel temático* – hierarquia temática=> papel semântico: agente > dativo/benefactivo > paciente > locativo > instrumento > outros, papel gramatical: sujeito > objeto direto > objeto indireto, agente, dativo/benefactivo e paciente são os mais prováveis para ocupar as posições de sujeito e objeto, portanto, o sujeito/agente e o objeto/paciente são os não-marcados; 2. *referencialidade e individuação* – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; 3. *definitude* – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem a ser a categoria definida, logo, não-marcada; 4. *status anafórico* – a anáfora zero é a menos marcada; 5. *topicalidade* – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo (codificado como zero ou pronome anafórico) é o não marcado e o referente não-tópico/descontínuo é o marcado; d) Modalidades verbais (*realis* x *irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada) (GIVÓN, 1995, p. 55).

O princípio da marcação ajudará a explicar o uso das formas perfectivas, considerando-se: complexidade estrutural (*pretérito perfecto simple* e *pretérito perfecto compuesto*); distribuição de frequência (de acordo com os planos discursivos); complexidade cognitiva (com base na ordenação e presença de modificadores aspectuais); quantidade de informação (*pretérito perfecto simple* e *pretérito perfecto compuesto*); e ordenação linear (de acordo com a posição das perfectivas em relação aos demais constituintes da oração).

3.3 Sociofuncionalismo

Ao abordar o Sociofuncionalismo, Tavares (2003) pondera que as duas teorias (Funcionalista e Sociolinguística) têm pontos comuns, o que possibilita um casamento teórico, conhecido como Sociofuncionalismo. Esse casamento teórico não se trata de uma soma ou combinação dos pressupostos teóricos-metodológicos, mas do estabelecimento de pressupostos por meio de diálogos entre os dois modelos em estudo mesmo havendo algumas diferenças (TAVARES, 2003). “A cada conversa ocorrem novas convergências e os conceitos são alterados, definindo-se como seres voláteis, transitórios, filiados ao momento e, dessa guisa, a re-interpretações e revisões constantes (...)” (TAVARES, op. cit., p. 102). Por exemplo, as noções de variação e mudança presentes nas duas teorias não se excluem, assim, há a possibilidade de estudo com um viés Sociofuncionalista, o qual “toma a variação linguística do ponto de vista da função discursiva e a explica com base em princípios funcionais” (TAVARES, 2003, p. 98).

Tavares (2003, p. 104-105) estabelece um apanhado de postulados que convergem no Funcionalismo e na Sociolinguística, os quais podem ser resumidos em:

- Prioridade da língua em uso, assim, a variação e a mudança são abrigadas pela natureza heterogênea;
- Fenômenos linguísticos analisados em situações comunicativas reais;
- Língua em uma concepção dinâmica, em movimento, ou seja, a língua não é considerada estática, pois está sempre mudando e interagindo;
- Reconhecer a mudança linguística como uma noção gradual e contínua;
- Disseminação da mudança nos âmbitos linguístico e social;

- Dados sincrônicos e diacrônicos se complementando nos prognósticos de mudança mais seguros;
- Princípio de uniformitarismo;
- Analisar os níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos da língua quando entendidos como discursivos, pois a sua existência se dá quando usados;
- Destacar a frequência das ocorrências;
- Terem como importante a relação entre os fenômenos linguísticos e a comunidade de fala.

Assim, alguns resultados de convergência dos dois referenciais teóricos seriam, como afirma Tavares (2003) e reafirma Pontes (2012):

- O exame da língua em seu contexto de uso;
- O estudo da evolução da língua e o que poderia motivar esse processo de mudança no que diz respeito, principalmente, ao âmbito social;
- A busca da regularidade da variação, por meio da quantificação dos dados coletados de acordo com variáveis sociais com a crença de que os fatores internos e externos possam agir nos fenômenos linguísticos;
- Ter como base um processo e verificar nas diferentes formas de expressão que pode aparecer, assim, entendendo a variável como um conjunto de estruturas mais complexas, porém tendo em comum uma função/significado;
- Utilização dos princípios e métodos da Sociolinguística, mais especificamente, laboviana, em conjunto com as interpretações funcionalistas dos resultados obtidos quantitativamente dos dados coletados, tendo como finalidade observar as tendências de uso.

Por fim, do diálogo que há entre o Funcionalismo voltado para a gramaticalização e a Sociolinguística variacionista, Tavares (2003, p.127-129) apresenta algumas convergências em um amplo quadro no Sociofuncionalismo. Vejamos:

Quadro 2 – Pressupostos do Sociofuncionalismo

FUNCIONALISMO VOLTADO À GRAMATICALIZAÇÃO	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	CONVERGINDO NO SOCIOFUNCIONALISMO
Análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos – todos entendidos como discursivos, pois só ganham existência quando usados.	Análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.	Análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos – todos entendidos como discursivos, pois só ganham existência quando usados.
A frequência das ocorrências é importante para o estabelecimento e para a manutenção da gramática; para a análise dos estágios do processo de gramaticalização; para o estudo da difusão linguística e social da mudança	A frequência das ocorrências é importante para o estudo da difusão linguística e social da mudança. Há a necessidade de certa recorrência para que as formas possam ser comparadas por meio do instrumental estatístico.	A frequência das ocorrências é importante para o estabelecimento e para a manutenção da gramática; para a análise dos estágios do processo de gramaticalização; para o estudo da difusão linguística e social da mudança. Há a necessidade de certa recorrência para que as formas possam ser comparadas por meio do instrumental estatístico.
O termo mudança abrange: (a) surgimento das inovações; (b) difusão social das inovações.	O termo mudança refere-se à difusão social das inovações. Análise do grau de difusão por meio das distribuições sociais dos itens linguísticos	O termo mudança abrange: (a) surgimento das inovações; (b) difusão social das inovações. Análise do grau de difusão por meio das distribuições sociais dos itens linguísticos, das quais também são derivados indícios de que novidades possam estar emergindo ou vir a emergir futuramente
Recebe mais destaque a história de uma forma, com a investigação dos estágios de gramaticalização por que passa um só item ou construção. Contudo, o princípio de estratificação (Hopper, 1991) prevê, como consequência da gramaticalização, a convivência de itens como camadas mais novas e	Recebe mais destaque a coexistência de formas variantes em dado momento de sua evolução, investigando-se com detalhe esse fenômeno de variação linguística	Recebem destaque a história e a coexistência de diferentes formas, investigadas como camadas/variantes que convivem em um mesmo domínio funcional, gerando o que pode ser definido como uma situação de estratificação/variação. Também são investigados estágios de gramaticalização, com a hipótese

<p>mais antigas em um mesmo domínio funcional.</p>		<p>de que a situação de estratificação/variação é influenciada pelo que aconteceu no percurso de gramaticalização de cada item até a chegada ao domínio em questão.</p>
<p>Camadas de um domínio possuem a mesma função.</p>	<p>Variantes de uma variável possuem o mesmo significado.</p>	<p>Camadas/variantes podem possuir ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma função</p>
<p>A variação decorre da mudança.</p>	<p>A mudança decorre da variação.</p>	<p>A variação e a mudança decorrem uma da outra. Ao se estudar variação, analisa-se uma etapa de mudança em que convergem os percursos de gramaticalização seguidos por cada uma das formas envolvidas. Ao se estudar gramaticalização, averigua-se diferentes etapas de variação ao longo do tempo.</p>
<p>Soluções possíveis para situações de estratificação: (a) especialização por generalização; (b) especialização por especificação.</p>	<p>Soluções possíveis para situações de variação: (a) uma variante prepondera sobre as demais; (b) as variantes assumem papéis diferentes.</p>	<p>Soluções possíveis para situações de estratificação/variação: (a) especialização por generalização: uma camada/variante prepondera sobre as demais; (b) especialização por especificação: as camadas/variantes assumem papéis diferentes.</p>
<p>Embora grande parte das inovações se concentra na fala das crianças menores, os demais falantes estão sujeitos a ter sua fala alterada pelo acréscimo de novidades.</p>	<p>Costumava definir o final da adolescência como o período de vida em que se encerra a transmissão da língua e da mudança linguística. Estudos mais recentes encontraram casos de adultos que modificaram seus vernáculos, o que exige que se tome cuidado com o estabelecimento de fronteiras etárias rígidas para a fixação do sistema linguístico.</p>	<p>Não estabelecimento de fronteiras etárias rígidas para a ocorrência da mudança, mas previsão de que grande parte das inovações se concentra nos falantes mais jovens, provavelmente por razões sociais.</p>

<p>A função a que serve a gramática é prioritária e determinante de seu uso pelos falantes. A gramática é um processo em andamento, sempre emergindo rumo a sua constituição, mas nunca chegando a constituir-se de fato, pois sofre constantes alterações por conta das características do manancial de onde deriva e onde existe: seu uso por falantes.</p>	<p>A prioridade é a estrutura. A língua - e, por tabela, a gramática - é tida como um sistema regido por regras (in)variáveis.</p>	<p>A função a que serve a gramática é prioritária e determinante de seu uso pelos falantes. A gramática é um processo em andamento, sempre emergindo rumo a sua constituição, mas nunca chegando a constituir-se de fato, pois sofre constantes alterações por conta das características do manancial de onde deriva e onde existe: seu uso por falantes.</p>
<p>As estruturas tendem a refletir e a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais).</p>	<p>As motivações consideradas relevantes são as estruturais e as sociais. A função não exerce motivação significativa sobre a constituição da estrutura ou sobre a variação e a mudança.</p>	<p>As estruturas tendem a refletir e a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais) e também motivações estruturais, geralmente tidas como em competição com as funcionais.</p>

Fonte: Tavares (2003, p. 127-129)

4 METODOLOGIA

Para que uma pesquisa de caráter científico tenha validade perante a comunidade acadêmica, ela tem que ser passível de verificação, para isso, é necessário que os métodos e técnicas estejam bem delimitados, a fim de se chegar ao resultado com mais rigor.

Nesta seção, discorreremos sobre os procedimentos técnico-metodológicos que serão utilizados na pesquisa, apoiando-nos na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001). Também, caracterizaremos a pesquisa e delimitaremos o universo e a amostra e apresentaremos os procedimentos de coleta e de análise.

4.1 Caracterização da pesquisa

Segundo Lakatos & Marconi (2011), uma pesquisa pode ser indutiva ou dedutiva. A primeira acontece através de processos mentais, quando o ser parte de uma observação específica ou universal para conseguir conclusões mais gerais. Já o método dedutivo seria o inverso do indutivo, ou seja, quando, através de processos mentais, parte-se de observações mais gerais para chegar a conclusões mais específicas.

Entretanto, Givón (1995), antes de Lakatos & Marconi (2001), apresentava o método indutivo-dedutivo, que reúne características formalistas, como o caráter dedutivo de ter uma hipótese, e funcionalistas, para analisar, quantificar e submeter a tratamento estatístico dados empíricos, configurando o método indutivo.

Baseando-se nestas explicações, podemos considerar esta pesquisa como indutivo-dedutiva, tendo em vista que foram tomados tanto características formalistas como funcionalistas, como o levantamento de hipóteses, análise, quantificação e submissão a tratamentos estatísticos.

Além disso, será uma análise com base na Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, que, segundo Duarte, Coan e Pontes (2016), retomando os pressupostos labovianos, tem como objetivo de estudo a variação e a mudança da língua dentro de um contexto social da comunidade de fala. Assim, acredita-se que toda variação tem suas motivações, ou seja, é controlada, de modo heterogêneo, dentro de um sistema previsível de escolhas. Logo, o papel da Sociolinguística é investigar, analisar e diagnosticar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação (MOLLICA, BRAGA, 2003).

4.2 Delimitação do universo e da amostra

Para esta pesquisa, utilizou-se dados do *Corpus Español Oral de Montevideo*, subcorpus do *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA). Tal projeto foi criado em 1993, durante o *X Congreso Internacional de la Asociación de lingüística y Filología de la América Latina* com a intenção de coletar um *corpus* oral que desse conta da língua espanhola, incluindo não somente os países oficialmente hispanofalantes, como também os Estados Unidos, tendo em vista a coleta em Miami.

Segundo Moreno Fernández (2006, p. 01):

A intenção do PRESEEA é reunir um grande *corpus* oral, tecnicamente adequado e sociolingüísticamente representativo de uma ampla amostra de cidades de todo o mundo hispânico. A intenção é que este *corpus* de língua falada se converta em um dos de maior tamanho do espanhol. Assim mesmo, PRESEEA aspira que seus materiais de língua falada permitam realizar estudos desde perspectivas muito diferentes, interessando a especialistas de distintos campos: dialetólogos, sociolinguistas, fonetistas, gramáticos, analistas da conversação, analistas do discurso, pragmáticos ou etnolinguistas. (tradução nossa)¹²

Com a coordenação do Prof. Dr. Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares, na Espanha, o PRESEEA reúne *corpus* falado de várias cidades falantes de língua espanhola, tanto da Espanha como da América. O *corpus* não está centralizado nas capitais dos países, mas em zonas/cidades representativas para os estudos da língua espanhola no mundo, por exemplo, Barranquilla (Colômbia) e Copolletti (Argentina), que possuem uma elevada parte da população de seus respectivos países.

Seguindo as recomendações do PRESEEA (2014), a escolha da comunidade de fala segue o princípio de que a localização deve ser um núcleo urbano hispanofalante, monolíngue ou bilíngue, com uma população, ou, pelo menos, maior parte dela tradicionalmente fixa neste local e que a comunidade seja, aparentemente, heterogênea segundo fatores sociológicos.

O *Corpus Español oral de Montevideo*, coordenado pelo Prof. Dr. Adolfo Elizaincín, da *Universidad de la República* e Presidente da *Academia Nacional de Letras* do

¹² Original: La intención de PRESEEA es reunir un gran corpus oral, técnicamente adecuado y sociolingüísticamente representativo de una amplia muestra de ciudades de todo el mundo hispánico. La intención es que este corpus de lengua hablada se convierta en uno de los de mayor tamaño del español. Asimismo PRESEEA aspira a que sus materiales de lengua hablada permitan realizar estudios desde perspectivas muy diferentes, interesando a especialistas de distintos campo: dialectólogos y sociolingüistas, fonetistas, gramáticos, analistas de la conversación, analistas del discurso, pragmáticos o etnolingüistas.

Uruguai, instituição responsável pela coleta do *corpus*, conta com entrevistas orais divididos em três níveis de instrução educacional dos falantes: baixo, médio e alto. Além disso, os níveis estão divididos por gênero (homem e mulher) e faixa etária (jovens entre 20 e 34 anos; adultos entre 35 e 54 anos; e mais velhos com mais de 55 anos).

Tal *corpus* está disponível gratuitamente no site da *Academia Nacional de Letras*¹³, com um total de 56 entrevistas publicadas e transcritas, entretanto, não estão subdivididas por nível de instrução, apenas apontam a profissão do informante. Por outro lado, no site do projeto PRESEEA, foram publicadas um total de 18 entrevistas, subdividas em gênero/sexo (homens e mulheres), faixa etária (jovens entre 20 e 34 anos, adultos entre 35 e 54 anos e idosos com mais de 55 anos) e nível de instrução (nível alto, nível médio e nível baixo).

Quadro 3 – Divisão do *Corpus Español oral de Montevideo* disponibilizado no site oficial da *Academia Nacional de Letras*

Número da Entrevista	Informantes
Entrevista nº 1	Mulher, 36 anos oriunda de Montevideo, docente do Ensino Médio
Entrevista nº 2	Mulher, 36 anos, oriunda de Montevideo, docente do Ensino Médio
Entrevista nº 3	Mulher, 22 anos, oriunda de Montevideo, estudante universitária
Entrevista nº 4	Homem, 54 anos, oriundo de Montevideo, técnico eletricista
Entrevista nº 5	Mullher, 32 anos, oriunda de Montevideo, professora do Ensino Médio
Entrevista nº 6	Homem, 29 anos, oriundo de Montevideo, designe gráfico
Entrevista nº 7	Mulher, 56 anos, oriunda de Montevideo, auxiliar de serviço
Entrevista nº 8	Mulher, 84 anos, oriunda de Montevideo, serviço doméstico
Entrevista nº 9	Mulher, 44 anos, oriunda de Montevideo, nutricionista
Entrevista nº 10	Mulher, 48 anos, oriunda de Colonia, professora do Ensino Médio
Entrevista nº 11	Mulher, 34 anos, oriunda de Montevideo, professora agregada
Entrevista nº 12	Mulher, 69 anos, oriunda de Montevideo, professora do Ensino Médio
Entrevista nº 13	Homem, 61 anos, oriundo de Montevideo, bancário aposentado
Entrevista nº 14	Mulher, 66 anos, oriunda de Montevideo, empregada
Entrevista nº 15	Mulher, 56 anos, oriunda de Montevideo, empregada
Entrevista nº 16	Mulher, 19 anos, oriunda de Montevideo estudante universitária
Entrevista nº 17	Mulher, 56 anos, oriunda de Montevideo, professora
Entrevista nº 18	Mulher, 86 anos, oriunda de Montevideo, dona de casa
Entrevista nº 19	Homem, 36 anos, oriundo de Montevideo, engenheiro agrônomo
Entrevista nº 20	Mulher, 25 anos, oriunda de Montevideo, estudante
Entrevista nº 21	Homem, 21 anos, oriundo de Montevideo, professor de Biologia
Entrevista nº 22	Mulher, 48 anos, oriunda de Montevideo, empregada
Entrevista nº 23	Homem, 57 anos, oriunda de Montevideo de Montevideo, empresário do ramo gastronômico

13 Disponível em: <http://www.mec.gub.uy/academiadeletras/MarcoPrincipal.htm>

Entrevista nº 24	Homem, 62 anos, oriundo de Montevideo, aposentado
Entrevista nº 25	Mulher, 55 anos, oriunda de Montevideo, assistente social
Entrevista nº 26	Mulher, 53 anos, oriunda de Montevideo auxiliar de serviço
Entrevista nº 27	Homem, 87 anos, oriundo de Montevideo, aposentado
Entrevista nº 28	Mulher, 34 anos, oriunda de Montevideo dona de casa
Entrevista nº 29	Entrevista eliminada por razões técnicas do PRESEEA
Entrevista nº 30	Mulher, 52 anos, oriunda de Montevideo, auxiliar de serviços
Entrevista nº 31	Homem, 18 anos, oriundo de Montevideo, jornalista
Entrevista nº 32	Mulher, 80 anos, oriunda de Montevideo, aposentada
Entrevista nº 33	Homem, 77 anos, oriundo de Montevideo, aposentado
Entrevista nº 34	Homem, 62 anos, oriundo de Montevideo, bancário aposentado
Entrevista nº 35	Homem, 23 anos, oriundo de Montevideo, desempregado
Entrevista nº 36	Homem, 64 anos, oriundo de Colonia, aposentado
Entrevista nº 37	Mulher, 53 anos, oriunda de Montevideo, administradora
Entrevista nº 38	Mulher, 53 anos, oriunda de Montevideo administradora aposentada
Entrevista nº 39	Homem, 32 anos, oriundo de Montevideo, estudante de medicina
Entrevista nº 40	Mulher, 31 anos, oriunda de Montevideo, empregada
Entrevista nº 41	Homem, 41 anos, oriundo de Montevideo, pedreiro
Entrevista nº 42	Homem, 39 anos, oriundo de Montevideo, bedel
Entrevista nº 43	Homem, 38 anos, oriundo de Montevideo, cuidador de doentes
Entrevista nº 44	Homem, 80 anos, oriundo de Montevideo, aposentado da construção
Entrevista nº 45	Homem, 26 anos, oriundo de Montevideo, empregado administrativo e estudante
Entrevista nº 46	Homem, 42 anos, oriundo de Montevideo, operário
Entrevista nº 47	Mulher, 26 anos, oriunda de Montevideo, operária maquinista
Entrevista nº 48	Mulher, 36 anos, oriunda de Montevideo feirante
Entrevista nº 49	Homem, 20 anos, oriundo de Montevideo, jornalista
Entrevista nº 50	Homem, 57 anos, oriundo de Montevideo, docente
Entrevista nº 51	Homem, 39 anos, oriundo de Montevideo, ferreiro
Entrevista nº 52	Mulher, 29 anos, oriunda de Montevideo, empregada
Entrevista nº 53	Homem, 35 anos, oriundo de Montevideo, empregado
Entrevista nº 54	Homem, 24 anos, oriundo de Montevideo, empregado
Entrevista nº 55	Homem, 45 anos, oriundo de Montevideo, subdiretor de centro educativo e professor
Entrevista nº 56	Homem, 28 anos, oriundo de Montevideo, orientador educacional de jovens.

Quadro elaborado pelo autor

Quadro 4 – Divisão do *Corpus Español oral de Montevideo*, disponibilizado no site oficial do PRESEEA.

NÍVEL ALTO			
	Jovens (20-34)	Adultos (35-54)	Idosos (55-)
Homens	Entrevista 21 (MONV-H13-021)	Entrevista 19 (MONV-H23-019)	Entrevista 33 (MONV-H33-033)
Mulheres	Entrevista 3	Entrevista 1	Entrevista 12

	(MONV-M13-003)	(MONV-M13-001)	(MONV-M33-012)
NÍVEL MÉDIO			
	Jovens(20-34)	Adultos (35-54)	Idosos (55-)
Homens	Entrevista 6 (MONV-H12-006)	Entrevista 4 (MONV-H22-004)	Entrevista 24 (MONV-H32-024)
Mulheres	Entrevista 20 (MONV-M12-020)	Entrevista 22 (MONV-M22-022)	Entrevista 32 (MONV-M32-032)
NÍVEL BAIXO			
	Jovens (20-34)	Adultos (35-54)	Idosos (55-)
Homens	Entrevista 35 (MONV-H11-035)	Entrevista 43 (MONV-H21-043)	Entrevista 44 (MONV-H31-044)
Mulheres	Entrevista 28 (MONV-M11-028)	Entrevista 26 (MONV-M21-026)	Entrevista 18 (MONV-M31-018)

Quadro elaborada pelo autor.

A priori, surge um problema metodológico para o trato da variante nível de instrução. Como o *corpus* completo, disponível no site da *Academia Nacional de Letras*, não informa a divisão das entrevistas por nível de instrução, tornar-se-ia inviável o estudo com as disponíveis do site PRESEEA, tendo em vista que seria necessária uma amostra minimamente representativa da comunidade.

Para a solução deste problema, foi necessário entrar em contato com o coordenador do *Corpus oral de Montevideo*, que se prontificou a enviar os dados básicos dos informantes, como também dos entrevistadores, pois acredita-se que, em um futuro, poderá ser feita uma pesquisa com o viés estilístico baseada nestes dados.

Segundo Guy & Zilles (2007), a quantidade de informantes por célula pode ser um problema em pesquisas quantitativas, e que é possível identificar tendências estilísticas não padrões da comunidade quando se tem pelo menos 4 ou 5 informantes por célula. Já Mollica & Braga (2005) dizem que o número minimamente necessário seja de 5 informantes. Coelho *et al.* (2015) pondera que apesar de quanto maior o número de informantes por célula, o que torna o *corpus* mais representativo para a comunidade, há banco de dados com apenas 2 informantes em cada célula.

Nesta pesquisa, foram coletadas 36 das 54 entrevistas consideradas para a análise, de acordo com a escolha das variáveis de estratificação (2 informantes de cada sexo x 3 níveis de instrução X 3 grupos de idade X 2 informantes por célula). O número de informantes por célula, no caso deste trabalho, segue o que é considerado por Labov (2001), Guy e Zilles (2007), Freitag (2011) e Oliveira e Silva (2012), quanto à amostragem por célula. Esse número varia de 4 a 5 informantes, porém alguns bancos de dados do Brasil contam com apenas dois informantes por célula em decorrência da questão financeira.

A seguir, discorreremos sobre como foi feita a coleta desses dados segundo a metodologia de coleta PRESEEA.

4.3 Procedimento de coletas de dados

De acordo com a metodologia do PRESSEA, a coleta dos dados dá-se por meio de gravações com informantes predeterminados, com características próprias de cada comunidade de fala, com a intenção de coletar uma mínima uniformidade estilística, com a finalidade de ser possível a comparação entre comunidades de fala distintas.

Além disso, determina-se que o ambiente para as gravações deve ser o de mais fácil acesso possível para o informante, entretanto, que seja um ambiente institucional oficial, como escolas, centros de cultura, institutos e dependências municipais. Esse procedimento garante que os espaços utilizados não sejam tão heterogêneo e possam influenciar tanto na coleta, como o volume alto de ruídos. Por outro lado, o projeto tem noção que afastar os informantes de seu entorno familiar pode ocasionar uma perda da espontaneidade, mas acredita que apesar desse ponto, a qualidade das gravações é muito melhor.

As gravações foram feitas mediante conversas semidirigidas e gravadas com o gravador a vista. Seguindo a metodologia PRESEEA, a entrevista deve seguir o roteiro¹⁴, podendo ser flexível para cada comunidade de fala:

1. Saludos (*¿Cómo quiere que le trate, de tú o de usted?*)
2. El tiempo (*A mí no me gusta el verano/invierno ¿Tú cuál prefieres?*)
3. Lugar donde vive (*¿Dónde vives? ¿Cómo es tu casa? Descríbemela un poco.*)
4. Familia y amistad (*¿Estás casada/o? ¿cómo conociste a tu marido/mujer?*)
5. Costumbres (*¿Qué sueles hacer en navidades/verano?*)
6. Peligro de muerte (*¿Has estado tú alguna vez en peligro de muerte?*)
7. Anécdotas importantes en la vida (*¿Qué harías si te volviera ocurrir o si tuvieras la oportunidad de volver al pasado?*)
8. Deseo de mejora económica (*¿Juegas a la lotería o a cualquier otro juego de azar?*)
9. Final (*Tengo que comprar el periódico camino de la estación ¿sabes dónde hay*

¹⁴ Tais exemplos foram retirados do documento oficial *Metodología General*, disponível no site PRESEEA através do link «<http://preseea.linguas.net/Portals/0/Metodologia/METODOLOG%C3%8DA%20PRESEEA.pdf>»

un puesto o librería? ¿me explicas cómo se va?)

O projeto informa que, dentro de certa liberdade e flexibilidade, os temas que foram induzidos com mais frequência dentro das entrevistas correspondem aos parâmetros de mais importância para a investigação sociolinguística. Abordar tais temas vem com a tentativa de trazer à fala do entrevistado a maior naturalidade possível, buscando não elevar o nível de monitoramento.

Assim, as gravações têm um tempo mínimo de 45 minutos e não devem ultrapassar uma hora, ficando a escolha do pesquisador de descartar ou não os trechos iniciais da entrevista, como é de costume de alguns autores, como Tavares (2003, 2011, 2014) e Araújo (2011), tendo em vista o período de monitoramento de fala do informante.

Sobre as amostras de fala, o PRESSEA explora amostras estabelecidas por cotas fixas, as quais se dividem, a partir de certo número de variáveis sociais, e tomam o mesmo número de informantes para cada cota. Duas vantagens associadas a amostras aleatórias, indicadas desde a metodologia do projeto, são: (i) a fácil comparação entre as cotas da mesma amostra e entre amostras diferentes; (ii) a obrigação de buscar pessoas fora dos ciclos mais acessíveis.

Além disso, como forma de padronização dos trabalhos, além de disponibilizar um documento sobre a coleta para a formação do banco de dados do PRESEEA, também foram disponibilizadas as orientações de transcrições das entrevistas.

Entre as orientações, sugere-se a utilização do programa *Word*® ou *Wordperfect*® para transcrição, revisão e correção dos dados, tendo em vista que possui ferramentas adequadas de edição e segue uma padronização para todos os sistemas operacionais. Além disso, alguns códigos foram tomados como padrão de transcrição, a fim de expressar situações linguísticas como pausa, autocorreção, troca de falantes e alargamento de vogais e/ou consoantes. Os códigos são:

:	Troca de falante
A:	Intervenção de um falante identificado como A
-	Correções, vacilações, palavras cortadas
[Lugar no qual se inicia um solapamento ou superposição
]	Final de fala simultânea
/	Pausa curta inferior a meio segundo
//	Pausa entre meio segundo e um segundo

///	Pausa de um segundo ou mais
(3'')	Silêncio (intervalo)
JC	Os nomes próprios, apelidos, siglas e marcas, exceto nome de lugares, aparecem apenas com a letra inicial maiúscula
((logo))	Transcrição duvidosa
(())	Fragmento indecifrável
pa(ra)	Reconstrução ou recuperação de uma unidade léxica que foi pronunciada incompleta
(risos)	Anotações que aparecem à margem dos enunciados e se consideram sons significativos para a interpretação do texto.
Aa	Alargamento vocálico
Nn	Alargamento consonântico
...	Suspensão voluntária
¡!	Exclamação ou admiração
¿?	Interrogações
<i>letra cursiva</i>	Reprodução e imitação de emissões: estilo direto

A seguir, iremos discutir os procedimentos de análise dos dados que serão obtidos.

4.4 Procedimento de análise dos dados

Segundo Guy & Zilles (2007), a variação linguística não pode ser estudada apenas por meios qualitativos, pois é necessária observação da frequência das variantes estudadas e o valor do peso relativo dos grupos de fatores independentes sob as variante em estudo, a fim de conseguir um melhor resultado. Como fez-se tanto a quantificação destes dados, como a análise e interpretação deles, a pesquisa coloca-se como qualitativa e quantitativa.

Por se tratar de uma pesquisa quali-quantitativa, foi necessário começarmos pelos procedimentos quantitativos, neste caso, estatísticos, para que seja possível uma melhor análise dos dados qualitativos, tendo em vista que, segundo Gil (2002), os dados quantitativos trazem um caráter mais formal à pesquisa.

Inicialmente, foi necessário codificar cada um dos informantes, já que apenas as entrevistas disponibilizadas no site PRESEEA foram codificadas. Elas seguiram o padrão já existente em outros *corpora* do projeto.

Seguindo o exemplo, temos MONV-H13-021. As iniciais “MONV” se referem ao local de coleta dos dados, neste caso, referente a Montevideo. Assim, todas as entrevistas começaram por este código, MONV.

Na segunda sequência, temos, como exemplo, H13, o primeiro código é referente à variável gênero/sexo, podendo ser H se for homem e M se for mulher. O primeiro numeral varia de acordo com o encaixamento de idade entre 1, 2 e 3, sendo, respectivamente, jovens entre 20 e 34 anos, adultos entre 35 e 54 anos e idosos com mais 55 anos. Já o segundo numeral se refere à variável nível de instrução, sendo 1 para nível baixo, 2 para nível médio e 3 para nível alto.

Por último, a sequência de três números é referente ao número da entrevista. Sendo assim, MONV-H13-021 refere-se a entrevista coletada em Montevideo, com um homem, jovem, com nível de instrução alto, sendo a 21ª entrevista.

Após a codificação das entrevistas, foi iniciada a separação das ocorrências dos *pretéritos perfectos* nos trechos das entrevistas já pré-selecionadas. Foram consideradas apenas ocorrências que deixem explícita o uso das formas simples e composta, por exemplo, “*cante*” e “*he cantado*”, respectivamente.

Além dessas ocorrências, também foram descartadas as falas do entrevistador, já que possui a fala monitorada, tendo em vista que se segue um roteiro predefinido e o já se tem conhecimento das formas que devem ser utilizadas. Além disso, nos casos em que o entrevistado reproduz uma construção já dita pelo entrevistador também foram desconsideradas, como em:

(12) como vos me dijiste "¿no pusiste aire acondicionado?" (MONV-H22-004)¹⁵

Além disso, intervenções de terceiros, também, foram desconsideradas, pois, estes não são membros efetivos da pesquisa e não fazem parte do escopo de coleta.

Casos de repetição das formas também serão desconsiderados, já que os a mesma construção poderia contar mais de uma vez para a frequência, quando seu uso é apenas aparente para a repetição,

Também foi desconsiderada a expressão *¿viste?*, que apareceu em todas as entrevistas, e justifica-se a exclusão pela construção ser uma expressão idiomática, que representa uma reafirmação ou confirmação do que já foi dito pelo falante para com o ouvinte, podendo ser traduzida para o português como: “certo?” ou “okay?”

¹⁵ Neste caso, apenas o *pusiste* foi desconsiderado, pois apenas ele está dentro da construção do entrevistador.

Após o procedimento de separação das ocorrências, categorizou-se cada uma delas seguindo os grupos de fatores linguísticos, sobre os quais uma breve explanação acerca:

- **Nível semântico-lexical:** os tipos de verbo (atividade, processo culminado, culminação e estado), na concepção de Vendler (1957, 1967). A consideração dos tipos de verbos, foi adotada pelo fato de trazerem as noções de duratividade, dinamicidade e delimitação no eixo temporal. Assim, o autor divide os tipos de verbo em quatro, sendo eles: atividade (são dinâmicas, atéticas e durativas); processo culminado (são dinâmicos, télicos e durativos); culminações (denotam eventos instantâneos, télicos e dinâmicos); e estados (apresentam uma duração indefinida, são atéticos e estáticos). A seguir, temos alguns exemplos:

(13) **Estado:** *Ama a Salomé.* (Ama Salomé.) (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

(14) **Atividade:** *Camina por el parque.* (Caminha pelo parque.) (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

(15) **Processo culminado:** *Construyó la casa.* (Construiu a casa.) (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11).

(16) **Culminação:** *Llegó a la estación.* (Chegou à estação.) (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 11)

- **Nível textual-discursivo:** são umas estruturas presentes da língua que estão dispostas para o falante quando este quer organizar seu discurso. Quando essas estruturas são utilizadas em situações reais de comunicação, caracterizam os

gêneros do discurso, as quais são marcadas com tempo, modo e aspecto, pessoas do discurso que está em referência e unidades sintáticas e semânticas que são predominantes (PAREDES SILVA, 1999). São três as abordagens para as seqüências discursivas que Paredes Silva (1999) aponta: (i) abordagem da estrutura da entrevista sociolinguística; (ii) influência do tipo de texto sobre determinada variável linguística; (iii) caracterização de um determinado tipo de texto em decorrência de uma determinada variável linguística. Vejamos alguns exemplos:

(17) **Exposição:** *Te estás gastando todos los días un dineral en gasolina para ir al trabajo.* (Está-se gastando um dinheirão em gasolina para ir ao trabalho.) (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 39).

(18) **Narração:** *No recuerdo más de la comunión.* (Não lembro mais da comunhão.) (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 39).

(19) **Argumentação:** *Porque no hay dineros para echarle gasolina todos los días al coche.* (Porque não tem dinheiro todos os dias para a gasolina do carro.) (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 39).

(20) **Descrição:** *Era blanco, muy normalito, como todos los vestidos de comuniones blanco.* (Era branco, muito normalzinho, como todos os vestidos de comunhões brancos.) (MOYA CORRAL, 2009, entrevista 40).

(21) **Diálogo:** *Que estoy en la gloria. Que yo creía que iba a ser un problema y que no que no lo es.* (Que estou na glória. Que eu acreditava que ia ser um problema e não é.) (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 14).

- **Modalidade:** Segundo Givón (1984, 1995), a Modalidade tem relação com a codificação da atitude do falante perante uma informação, ou seja, do conteúdo proposicional do enunciado. Ela abrange noções como a de realidade que pode ser verdadeira, falsa ou possível, entre outras. A primeira diz respeito a uma determinada existência factual em um determinado tempo real; a segunda aborda a possibilidade de não haver existência em nenhum tempo real, já a última corresponde a uma existência que poderia ter existido em algum tempo, porém esse tempo ainda está por vir (GIVÓN, 1984). Conforme Givón (2005), a Modalidade

tem seus tipos redefinidos a partir do contexto pragmático-discursivo, a saber: pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negada. Serão consideradas as asserções *realis* e *irrealis*. A primeira consiste em uma proposição verdadeira que pode ser refutada, ou seja, pode ser classificada em verdadeira ou falsa. A segunda ocorre quando a proposição é fraca, mas é possível e necessária, ou seja, seria uma verdade possível. Apresentamos a seguir alguns exemplos:

(26) **Asserção *realis*:** *Joe will cut a log.* (Joe cortará um tronco.) (GIVÓN, 1984, p. 285).

(27) **Asserção *irrealis*:** *Maybe Joe caught a whale.* (Talvez Joe tenha pegado uma baleia.) (GIVÓN, 1984, p. 285).

A seguir, faremos considerações sobre os fatores extralinguísticos.

- **Faixa etária:** Conforme Freitag (2007), através desse fator, podemos observar se a variação é um fenômeno estável ou mudança em tempo aparente. O *Corpus Oral de Montevideo* se divide em três níveis etários, sendo eles: a) jovens, entre 20 e 34 anos de idade; b) adultos, entre 35 e 54 anos; e c) velhos, com mais de 54 anos.
- **Nível de instrução:** Para o fator extralinguístico nível de instrução, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), o tempo em que um indivíduo é escolarizado e a qualidade da escola em que frequentou influenciam diretamente em seu repertório sociolinguístico.

Sintetizando, esses foram os fatores linguísticos e extralinguísticos utilizados:

A) Fatores linguísticos:

a. Nível semântico-lexical (tipos de verbo):

I. Atividade;

II. Processos culminados;

III. Culminações;

IV. Estado;

b. Nível textual-discursivo:

I. Exposição;

II. Narração;

III. Argumentação;

IV. Descrição;

V. Diálogo.

c. Tipos de frase:

I. Orações afirmativas;

II. Orações interrogativas;

III. Orações negativas;

IV. Orações exclamativas.

d. Modalidade:

I. *Realis*;

II. *Irrealis*.

B) Fatores extralinguísticos:

a. Faixa etária:

I. 20-34 anos;

II. 35-54 anos;

III. Maiores de 55 anos.

b. Nível de instrução:

I. Nível baixo;

II. Nível médio;

III. Nível superior.

4.4.1 Análise estatística

Com a categorização dos dados, foi possível iniciar o tratamento estatístico, se realizou através do programa computacional *Goldvarb X* (2005). Na visão de Guy & Zilles (2007), este programa serve para o trato da variação linguística, tendo em vista que ele foi desenvolvido justamente para estudos de variação e mudança. Além disso, o *software* está programado para lidar com os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, por reconhecer as pressões internas e externas que as línguas sofrem.

Tal *software* está disponível gratuitamente no site da Universidade de Toronto, através do portal de Sali A. Tagliamonte, que o desenvolveu através de uma parceria entre os Departamentos de Linguística da Universidade de Toronto e o Departamento de Matemática da Universidade de Ottawa (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

O *Goldvarb X* permite ao usuário o conhecimento dos valores estatísticos, trazendo informações como o peso relativo, mostrando ao pesquisador quais variáveis independentes influenciam mais diretamente nas variantes dependentes.

Inicialmente, foi feito o cruzamento entre todas as variantes com a finalidade de reconhecer todos os dados possíveis.

Todos os dados serão analisados levando em consideração tanto as porcentagens obtidas em cada um dos cruzamentos, como os pesos relativos que serão informados pelo *software*. Isso deverá acontecer, pois, segundo Coelho *et al.* (2015), o peso relativo acaba se tornando mais importante para a pesquisa de variação linguística, já que é ele que vai determinar quais fatores linguísticos e extralinguísticos mais influenciam no uso de determinada variante.

Vale ressaltar que, segundo Guy & Zilles (2007), o peso relativo é um número variante entre 0,0 e 1,0. Desses, 0,0 significa que aquele condicionamento não tem nenhuma influência sobre a variante dependente e 1,0 significa que o condicionamento influencia em sua todos as ocorrências registradas. Quando este valor se exata a 0,5 temos um caso de ponto neutro, nestes casos, a variante exerce pouco efeito sobre a regra geral de uso.

Na seguinte seção, será apresentada os resultados e análise de dados desta pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, realizar-se-á a análise e discussão dos resultados sobre a variação entre o PPS e o PPC, oriundas do corpus PRESEEA de Montevideo, descrito no capítulo anterior. Após um breve resgate sobre a amostra analisada, procederemos à apresentação do número de ocorrências obtidas nas entrevistas selecionadas e ao que os dados, resultantes das rodadas proporcionadas pelo *software* GOLDVARB (2005), revelaram-nos quanto à variação entre as formas supra. Ademais, analisamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas como mais significativas pelo programa estatístico e, tomando como base o aporte teórico selecionado para esta pesquisa e as discussões dos trabalhos variacionistas apontados e/ou resenhados em capítulos anteriores, apresentaremos possíveis justificativas para os resultados aos quais chegamos. No que se refere às variáveis que não foram selecionadas como significativas pelo GOLDVARB, decidimos analisá-la, visto que, para além de números estatísticos, essa apresentou dados linguísticos relevantes e merecedores de reflexão e discussão.

5.1 Amostra e quantidade de ocorrências

A amostra analisada constituiu-se de 36 entrevistas, conforme mencionado na metodologia, provenientes do *Corpus Oral de Montevideo*. Os inquéritos selecionados foram adaptados e distribuídos considerando as seguintes variáveis: sexo: (H – homens e F – mulheres); idade (faixa etária 1 – de 20 a 34, faixa etária 2 – de 35 a 54 e faixa etária 3 acima de 55) e escolaridade: nível baixo (b) e nível alto (a).

Após uma análise preliminar, encontramos um total de 600 ocorrências em que o PPS e o PPC assumem os mesmos valores, ou seja, de passado com relevância presente e passado durativo. Desse total, 90 dados pertencem ao PPC e 510 pertencem ao PPS. Observe a tabela:

Tabela 01 - Frequência da ocorrência de PPS e PPC no espanhol oral da cidade de Montevideo

Pretérito Perfectivo	Frequência	Total de dados
<i>Pretérito Perfecto Simple</i>	85%	510
<i>Pretérito Perfecto Compuesto</i>	15%	90
	Total de dados	600

Fonte: Elaborada pelo autor

Podemos observar o uso do PPS no exemplo abaixo:

(28) “[...] de los tres años a los catorce **viví** en la casa donde estoy ahora después me **mudé** para con mis padres ¿no? y mi hermano al Centro al Cordón al Centro y recién ahora **volví** a los treinta y pico de años eeh **volví** casada a esa casa que yo le **pedí** a mis padres que no la vendieran que la quería mucho y todo y bueno me **hicieron** caso” (MONV_M23_02)

Ainda que os valores de frequência do PPC sejam inferiores aos de PPS, o fenômeno mostra que, apesar de algumas gramáticas rechaçarem o PPC na América, ele possui números expressivo de uso. Assim, os números corroboram as afirmações de autores como Oliveira (2007), Izquierdo e Utrilla (2010) e Jara Yupanqui (2013), que confirmam a existência do PPC na América, ainda que com frequência reduzida quando comparada aos usos da variedade Peninsular.

Nas rodadas estatísticas feitas através do programa, foi estabelecendo como regra de aplicação a forma composta do *pretérito perfecto*, ainda que a frequência de PPS seja maior. Isso se justifica pelo posicionamento que adotamos para esta pesquisa, que dialoga com outros autores como Henderson (2008, 2010, 2018), ao apresentar o PPC como um tempo verbal com valor genérico. Segundo o autor, o falante se move entre dois planos diferentes da conceitualização, um *referente genérico* e outro particular o de *caso*.

Henderson (2008, p.73) faz a seguinte afirmação:

Dado que a RG (referência genérica) através do PPC é capaz de referir tanto a uma situação determinada como a várias situações de uma mesma classe sem fazer precisões temporais concretas, pode dizer-se que o PPC é propicio – lembre-se, não obrigatório – para as situações que por diferentes motivos não se quer, não se pode ou não se interessa apresentar com instancias concretas ou realizações bem determinadas. (HERDERSON, 2008, p.73) (Tradução nossa)¹⁶

Assim, Henderson (2018) considera a variação entre os tempos como uma estratégia discursiva para localizar as situações em um plano genérico, atribuído ao PPC ou um plano de concretização, através do PPS. Por exemplo:

¹⁶ Original: Dado que la RG a través del PPC es capaz de referir tanto a una situación determinada como a varias situaciones de una misma clase sin hacer precisiones temporales concretas, puede decirse que el PPC es propicio – recuérdese, no obligatorio – para las situaciones que por diferentes motivos no se quiere, no se puede o no interesa presentar como instancias concretas o realizaciones bien determinadas.

(29) “[...] doy fe de que me he movido cielo y tierra y nadie me ha podido responder o sea darme una solución primero porque digo las condiciones en que viven al lado del tren eeh no son [...]” (MONV_M23_01)

É relevante ressaltar que, respeitando a variação entre as formas de pretérito perfectivo aqui estudadas, as afirmações que se realizar ao longo desta análise – pautadas nos percentuais e pesos relativos obtidos nas rodadas estatísticas – trata-se de tendência de uso que apontam para um aumento no uso da variante PPC, pelos falantes mais jovens, em alguns contextos, que pode apontar para um futuro processo de mudança em curso na comunidade de fala de Montevideu. Conforme vê-se adiante, para que o processo de mudança linguística em curso seja hipotetizado, em um futuro considerável, seriam necessárias outras técnicas metodológicas, diferentes das usadas neste trabalho, como um estudo em tempo real, observando o comportamento da comunidade de fala ao longo do tempo.

Nas seções seguintes, explanam-se os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que se mostraram significativos, bem como aqueles que não apresentaram significância seguindo as regras de aplicação.

5.2 Variáveis estatisticamente significantes

Após o tratamento estatístico feitos através do *software Goldvarb X (2005)*, utilizando o PPC como regra de aplicação, obteve-se um total de 49 rodadas do tipo *step-up*. Dentre essas, a melhor rodada considerada pelo programa foi a de número 16, apresentando os seguintes valores: *Input: 0.110, Log likelihood: -205.836* e significância 0.000. Dos sete grupos de fatores elencados como possível condicionadores do fenômeno variável com o qual trabalhase (sexo, faixa etária, nível de instrução, tipo de verbo, tipo de discurso e modalidade), o programa selecionou como significantes, em ordem decrescente, os seguintes grupos: faixa etária, tipo de verbo e modalidade.

Entretanto, apesar da ordem estabelecida pelo *software*, procede-se, inicialmente, à análise e discussão referentes às variáveis linguísticas e, em seguida, as variáveis sociais. Ressalta-se que, quando necessário, apresentar-se-ão os cruzamentos estatísticos que ajudaram a explicar alguns resultados que não se alinharam com as hipóteses iniciais, para algumas variáveis.

O programa *Goldvarb X*, apesar de realizar uma rodada multivariada, possibilita que sejam feitas rodadas separadamente os grupos de fatores a partir do recurso *Cross*

tabulation, no qual são cruzados os dados de, no máximo duas variáveis independentes. Caso seja necessário, esses cruzamentos entre fatores serão feitos.

Na seção seguinte, iniciar-se-á a exposição dos dados obtidos e a discussão sobre os resultados.

5.2.1 Grupos de fatores linguísticos

Conforme o que foi exposto anteriormente, as variáveis linguísticas selecionadas foram as que se expõe e discute em seguida.

5.2.1.1 Tipo de verbo

Nesta seção, far-se-á uma análise das formas verbais focadas em nesta pesquisa, conforme a classificação proposta por Vendler (1957, 1967): estado, atividade, processo culminado e culminação.

Inicialmente, hipotetizou-se, ancorado nos estudos de Givón (1990, 2001) e de Pontes (2009), que os verbos que indicam situações mais dinâmicas, no caso, processo culminado, atividades e culminação, tendem a condicionar o uso do PPC, enquanto os verbos de natureza estática, estado, tendem a condicionar o uso do PPS, posto que, quando utiliza-se o PPC, deduz-se que a ação perdura de alguma forma até o momento atual, ou seja, a ação ainda tem valor afetivo para o falante no presente. (GÓMEZ TORREGO, 2005).

Entretanto, após as rodadas estatísticas, observou-se que a variante independente mais significativa para o processo de variação do PPC-PPS, como pode-se observar na tabela seguinte:

Tabela 02 – Atuação do grupo de fatores tipo de verbo no uso da variante PPC *versos a variante* PPS

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
Estado	3/48	6,2%	0.262
Atividade	24/92	26,1%	0.648
Processo culminado	49/435	11,3%	0.469
Culminação	14/25	56%	0.869

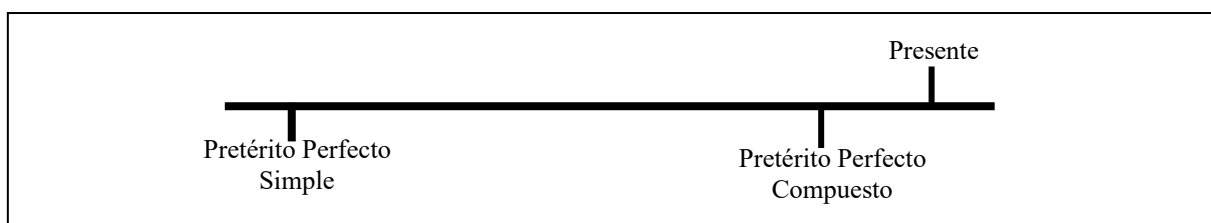
Fonte: Elaborada pelo autor

Em uma interpretação inicial dos dados, percebe-se que o PPC aparece com percentual maior em verbos de culminação (56%) e menor em verbos de estado (6,2%), além disso, os verbos de estado mostram-se ainda menos significativos quando se observa o peso relativo, que neste caso é 0.262, uma vez que os verbos de processo culminado demonstram ser estatisticamente mais relevantes para a variação do PPC.

Tal fenômeno pode ser explicado quando observa-se as formas de uso do tempo PPC segundo Gomez Torrego (2005), que considera o PPC como uma zona temporal passada da falante que faz uma ligação direta com o presente, ainda que não esteja no presente.

Também podemos considerar o valor psicológico desse tempo (GOMEZ TORREGO, 2005), quando o falante traz situações iniciadas e acabadas no passado, mas que ainda interferem no seu psicológico no presente. O fato de a temática da entrevista explorar assuntos como vida pessoal, vida laboral e até risco de morte, pode desencadear esses usos nos falantes.

Retomando, também, a RAE, a zona a qual pertence Montevideu, o uso prototípico do PPC é com valor de antepresente, o que sugere ações finalizadas em um passado próximo à zona temporal do falante como representado na imagem abaixo:



Assim, podemos observar que ações, mesmo concretizadas na forma do PPC, ainda assim, podem apresentar uma conclusão, entretanto, dentro da zona temporal do Presente.

Quanto aos demais resultados, concluímos que verbos de culminação são os mais significativos para a variação do PPC, apresentando-se com o peso relativo de 0.869. Em seguida, temos os verbos de atividade, com peso relativo de 0.648 e processo culminado com 0.469. Por último, os verbos de estados com 0.262. Esses dados surpreendem muito, tendo em vista que as hipóteses iniciais apontavam para os verbos de estado como fator crucial para a variação.

Observa-se o exemplo seguinte:

(30) “semana pasada me han robado la camioneta sí de acá / semana passada me roubaram a caminhote sim daqui” (MONV_H13_45)

Nesta afirmação, o entrevistado expõe um momento pontual, instantâneo e sem intervalo de tempo, em meio a uma narração. Isso mostra um aspecto de duratividade do verbo, já que, segundo Spaldaro (2005, p. 48), “é um traço semântico que revela a presença ou a ausência de intervalos internos em determinada situação”.

Além disso, apesar de haver uma marcação temporal referente a um passado fora da zona temporal do falante, percebe-se que o PPC assume, também, de passado psicológico, ou seja, quando a ação no passado, mesmo que finalizada e sem reflexos em ações do presente, trazem uma espécie de afetividade, podendo ser positiva ou negativa, para o falante. Assim, neste caso, o verbo *me han robado* justifica-se por não ser uma ação esperada e desejada, e mesmo que não seja uma ação que dure até o presente ou por mais do que um momento pontual, o psicológico do falante expõe essa ação como importante para si.

López Ortega (2000), baseando-se nas teorias de Givón (1984) e Hopper e Thompson (1980), desenvolveu uma pesquisa em que examinou entrevistas com a finalidade de obter narrativas pessoais sobre experiências passadas. Por fim, verificou-se que os verbos de estados tomaram a forma do *pretérito imperfecto* como uma forma de marcar a informação de fundo, já os verbos de culminação apresentaram-se nas formas perfectivas do pretérito em língua espanhola, além de expressarem a informação em primeiro plano.

Também, podemos considerar o estudo realizado por Harley e Swain (1978). Os autores utilizaram de entrevistas com estudantes franceses e constataram o uso do pretérito perfeito para ações, ou seja, voltadas tanto para verbos culminados como os de processo culminado. Por outro lado, as formas do pretérito imperfeito foram associadas, principalmente, aos verbos de estado, seguidos pelos verbos de atividade.

Com isso, podemos chegar à conclusão de que os verbos de tipo culminado podem apresentar-se na forma de PPC, principalmente em narrativa. Para que se possa observar melhor, foi feito o cruzamento¹⁷ entre a variável tipo de verbo e tipo de discurso, apenas com a finalidade de compreender essas afirmações, e obteve-se os seguintes resultados:

¹⁷ Ressalta-se que este cruzamento foi feito através da função *Cross Tabulation* do software *Goldvarb X*.

Tabela 03 – Cruzamento entre os fatores tipo de verbo e tipo de discurso com a variante PPC

	Estado	Atividade	Processo culminado	Culminação
Exposição	1/15 (7%)	7/29 (24%)	17/83 (20%)	5/8 (62%)
Narrativa	2/33 (6%)	17/63 (27%)	32/352 (9%)	9/17 (53%)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Uma consideração inicial, necessária para o andamento da análise, e que será explorada melhor adiante no ponto 5.3.1.1 *Tipo de discurso*, é que as variáveis argumentação, descrição e diálogo foram descartadas em uma primeira rodada por apresentarem uso categórico ou para o PPS ou para o PPC.

Através da tabela 03, pode-se observar que as menores frequências, realmente, se encontram em verbos de estado, mesmo quando colocadas em cruzamento com as variantes exposição e narrativa. Por outro lado, os verbos de tipo culminação, mesmo que com valores de frequência total inferior às outras variantes independentes, apresentam-se mais vezes, e a porcentagem são as mais altas.

Apesar de os verbos de culminação aparecerem com uma porcentagem menor em discursos do tipo narrativa, observa-se que a diferença entre os dois valores é pequena, não chegando à diferença de 10% entre eles. Leva-se em consideração que a pesquisa dá conta apenas de uma amostragem do total de falantes de uma comunidade de fala e que se trocamos os falantes podemos obter resultados diferentes, esse número poderá ser menor ainda.

Na seção seguinte, observar-se-á a atuação do grupo de fator modalidade na variação do PPC frente ao PPS.

5.2.1.2 Modalidade

Para observar o comportamento das modalidades *realis* e *irrealis*, apoiou-se nos estudos de Dias (2004), que compreende que os falantes tendem a usar o *pretérito perfeito simple* com valor de certeza, enquanto o *pretérito perfeito compuesto* valor de incerteza.

Mais recentemente, Henderson (2008, 2018) propôs que observa-se o PPC como um tempo verbal com referente genérico, ou seja, o composto como uma estratégia discursiva para localizar as situações em planos não tão específicos. Por outro lado, o PPS apresentar-se-ia em situações específicas e concretas.

Ao discutir sobre a dimensão discursiva da variação PPC-PPS, Henderson (2018, p.73) pondera:

[...] a pessoa se move entre dois planos diferentes de conceitualização; um *genérico* e o outro particular o *de caso*. [...] o plano genérico concebe a situação em forma temporalmente não perfilada, isto é, apresenta a situação pela sua ocorrência mesmo antes que por sua localização cronológica. O plano *de caso*, por outro lado, localiza a conceitualmente à situação dentro de uma temporalidade perfilada [...] Comrie (1976) chama *internal temporal constituency* ‘constituição temporal interna’ porque, apesar de seu aspecto perfectivo, deixa entrever uma trama temporal que conceitualiza a situação como composto de vários episódios ou, em termos de Squartini e Bertinetti (2000), *microeventos*. (HENDERSON, 2018, p.73) (Grifos do autor) (Tradução nossa)¹⁸

Ao observar essas definições, pode-se aproximar com as categorizações de Modalidade, *realis* e *irrealis*, propostas por Givón (1984, p. 285), tendo em vista que as asserções *realis* tem um valor de verdade, mesmo que possa ser refutado posteriormente, e as asserções *irrealis* são consideradas como possível ou necessárias.

Observando esses critérios para análise chega-se a seguinte tabela de atuação da Modalidade sobre as variantes PPC e PPS.

Tabela 04 – Atuação do grupo de fator Modalidade no uso da variante PPC *versus a variante* PPS

Grupo de fator	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
<i>Realis</i>	62/549	11,3%	0.454
<i>Irrealis</i>	28/51	54,9%	0.875

Fonte: Elaborada pelo autor

De princípio, confirma a hipótese de que a modalidade *irrealis* está realmente atrelada ao PPC, tendo em vista que o composto apresenta uma zona temporal não tão bem definida quanto o PPS.

Para uma melhor compreensão, observemos as ocorrências em (31) e (32):

(31) pero nosotros hemos viajado en ómnibus a Bari a no a Mendoza fuimos en ómnibus (MONV_M33_37)

¹⁸ Original: [...] la persona se mueve entre dos planos diferentes de conceptualización; uno *genérico* y el otro particular o *de caso* [...] el plano genérico concibe la situación en forma temporalmente no perfilada, esto es, presenta la situación por su ocurrencia misma antes que por su localización cronológica. El plano *de caso*, en cambio, localiza conceptualmente a la situación dentro de una temporalidad perfilada [...] Comrie (1976) llama *internal temporal constituency* ‘constitución temporal interna’ porque, a pesar de su aspecto perfectivo, deja entrever una trama temporal que conceptualiza la situación como compuesta de varios episodios o, en términos de Squartini y Bertinetti (2000), *microeventos*. (HENDERSON, 2018)

(32) sí pero no nunca me he enterado de robos grandes de ahí en el barrio la verdade
(MONV_M22_22)

No primeiro exemplo, o entrevistado deixa claro a sua dúvida quanto a ação de incrementação ou não, e o que traz essa ideia é a partícula “me parece”, que quebra com toda a certeza de uma afirmativa, deixando-a com um caráter duvidoso e incerto. Já no segundo exemplo, o mesmo acontece, entretanto, o próprio verbo ajuda a desconstruir a afirmação da frase, pois, se considera-se que o PPC pertence a um plano genérico e talvez não concreto, faria com que o fato de haver roubos no bairro possa acontecer, mas, não são de seu conhecimento.

Para compreender melhor a Modalidade nestes casos, é necessário recordar que, seguindo as teorias givonianas, um dos quatro tópicos da marcação de categorias gramaticais está justamente nas Modalidades verbais, considerando o *irrealis* como a forma mais marcada (GIVÓN, 1995, p.55). Outro ponto teórico importante a ser retomado, são três critérios para a avaliação da marcação: i) Complexidade estrutural; ii) Distribuição de frequência; e iii) Complexidade cognitiva. (GIVÓN, 1990, p. 47)

Acerca da complexidade estrutural, o PPC possui uma complexidade em sua estrutura muito maior, levando em consideração que sua composição encontra-se em um verbo principal, *haber*, conjugado no presente do indicativo mais um verbo principal na forma de participio. Por outro lado, o PPS leva em sua forma apenas um radical, mudando apenas a desinência, a depender da pessoa e do número, concordando com o sujeito da oração.

Sobre a distribuição de frequência, fica claro durante o estudo que PPC apresentou uma frequência inferior. Retomando a tabela 01, observa-se que PPS tem um total de 85% da frequência frente a apenas 15% no PPC.

Por último, a complexidade cognitiva, ainda que não seja possível fazer essas medições através deste estudo, as funções atribuídas ao PPC aportam uma complexidade cognitiva maior. Por exemplo em:

(33) de la puerta de mi casa no he visto ni sentido nada... me la han robado / da
porta de minha casa não vi nem senti nada... me roubaram (MONV_H23_55)

Neste exemplo, retomamos ao mesmo caso do exemplo (25), para que o falante utilize essa construção, principalmente com dois verbos explícitos, *he visto* e *me la han robado*, e um implícito, *sentido*, no PPC, é necessário uma afetividade com a ação, gerando no falante

uma complexidade cognitiva maior, pois a utilização dessa forma verbal perpassa a zona linguística e entra na zona pessoal do falante..

O princípio da marcação, conforme Givón (1990, 1991, 1995), indica que a estrutura mais marcada é maior, mais complexa e menos frequente do que a não marcada, demandando, portanto, mais atenção e tempo de processamento cognitivo. Paralelamente, consideramos o princípio da expressividade retórica, já que, pelo atestado na literatura, um procedimento discursivo marcado, por vezes, ocorre em contextos não marcados, para garantir equilíbrio cognitivo-contextual (DUBOIS e VOTRE, 2012).

Das formas sob análise, o *PPC* é a mais marcada, por ser maior que *PPS* e menos frequente na comunidade de fala analisada. Para além disso, consegue-se observar que a formar modalidade *irrealis* aparece também como contexto mais marcado, quando segue-se os critérios para avaliação da marcação. Nesse sentido, com base nos dados e nos pressupostos teóricos sobre marcação, confirmamos a nossa hipótese de que as assertivas *irrealis* são mais propensas a forma composta do pretérito perfeito, ou seja, em um contexto o mais marcado (modalidade *irrealis*), encontraremos uma estrutura, também, mais marcada (*PPC*). Neste caso, não há a ocorrência do princípio do equilíbrio cognitivo-contextual, proposto por Dubois e Votre (2012).

Na próxima seção, observaremos como o grupo de fator extralinguístico faixa etária comportou-se diante das rodadas.

5.2.2 Grupos de fatores extralinguísticos

Nesta seção, discutir-se-á acerca do fator extralinguístico selecionado pelo programa *Goldvarb X* como significativo para a variação entre o *PPC* e o *PPS*, o fator faixa etárias. Os outros grupos fatores, sexo e nível de escolaridade não foram selecionados como significativos e por isso, serão apresentados apenas no item 5.3.

5.2.2.1 Faixa etária

Em pesquisas variacionistas recentes, o grupo de fatores faixa etária tem se mostrado relevantes. Sabendo que a idade do falante pode determinar diferenças linguísticas, o controle dessa variável faz-se importante, pois permite ao pesquisador analisar se o fenômeno de variação encontra-se em um processo estável ou se uma mudança em curso. De acordo com Moreno Fernández (2009), a idade é a variável que mais condiciona a variação linguística.

É necessário lembrar dos conceitos de estudos em tempo real e estudos em tempo aparente elaborados por Labov (1994). O primeiro estudo exige bastante tempo de pesquisa, pois, conforme Freitag (2005), há de se considerar um lapso temporal, ou seja, estuda-se um fenômeno em vários pontos do tempo em uma determinada comunidade. Por outro lado, o segundo permite analisar o mesmo fenômeno, na mesma comunidade, em um tempo menor, ao estratificarmos os informantes em função da idade.

Assim, esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa em tempo aparente, e mostra-se viável porque, segundo a hipótese clássica, o vernáculo que utilizamos na fase adulta é apenas um reflexo daquela que foi adquirido durante a puberdade, o que ocorre, aproximadamente, até os 15 anos de idade. Com isso, ao comparar-se gerações, pode-se perceber uma possível mudança linguística (COELHO *et al.*, 2015).

Vale ressaltar que, segundo Coelho *et al.* (2015), pesquisas desse caráter, ou seja, que usam a variável faixa etária, pode-se apresentar apenas em indicativos de mudança. Leva-se em conta os princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança, nem toda variação gera uma mudança, mas toda mudança gera uma variação (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]).

Com as considerações iniciais dadas, observa-se através dos dados obtidos, que há um indicativo do aumento do uso da variante PPC no espanhol oral de Montevideo, como pode ser observado na tabela seguinte:

Tabela 05 – Atuação do grupo de fator idade no uso da variante PPC *versus* a variante PPS

Grupo de fator	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
Jovens	43/208	20,7%	0.630
Adultos	33/160	20,6%	0.594
Mais velhos	14/232	6%	0.323

Fonte: Elaborada pelo autor

Inicialmente, pode-se observar que os jovens apresentam o maior peso relativo, com 0.630, em seguida os adultos, com 0.594 e por último, os mais velhos, com 0.323. Conclui-se com isso, que os jovens possuem a maior significância em relação a utilização da variante PPC.

Um caso curioso que pode-se chamar atenção é o fato de alguns trabalhos nos estudos do PPC, considerarem o espanhol americano como hegemônico, ou sejam, considere-se o espanhol falado em todos os países da América como sendo padronizado em todos os lugares, como é posto nos estudos de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002), Alarcos Llorach (2005) e Howe e Schwenert (2003).

Por isso, este estudo e outros como Fontanella de Weinberg (2004), Dias (2004) Aleza Izquierdo e Enguita Utrilla (2010), Jara Yupanqui (2013) e Pontes e Araújo (2018) vai contra a afirmação de haver uma hegemonia no espanhol da América, demonstrando que em cada um dos países hispanofalantes há um comportamento diferente para a variante composta do PPC.

Vale ressaltar que o PPC aparece com frequência expressivamente menor que o PPS (15%), entretanto, estudos mais recentes mostram que esses números estão mudando conforme são feitas mais pesquisas.

Por outro lado, pode-se observar que o uso do PPC está não só mais frequente entre os mais jovens e adultos como também são eles os responsáveis pela possível futura mudança em curso. Isso ocorre, pois, analisar a variação considerando esses grupos de idade, quer dizer, a partir de um estudo em tempo aparente, permite que possa-se compreender o futuro e fazer provisões sobre o futuro.

Nesta pesquisa, os resultados mostram o aumento da presença da variante inovadora, neste caso a forma perfectiva composta de passado, dá-se de forma expressiva principalmente na primeira faixa etária, com uma frequência de 20,7%, em seguida pelo grupo de adultos, com 20,6%, e por último, com 6%, os mais velhos.

5.3 Variáveis estatisticamente não significativas

Na rodada realizada entre PPC versus PPS, das sete variáveis independentes que controla-se neste estudo, o programa estatístico excluiu apenas quatro variáveis no *step down*, a saber, o grupo de fatores tipo de discurso, sexo e nível de instrução, por não mostrar significância para a variação entre as formas apresentadas.

5.3.1 Grupos de fatores linguísticos

Na subseção a seguir, apresenta-se e discute-se o grupo de fatores linguísticos descartado pelo programa GOLDVARB na rodada *step down*, sendo ele tipo de discurso.

5.3.1.1 Tipo de discurso

Lidar com os discursos em situações comunicativas já passadas, faz parte de uma capacidade linguística universal do ser humano (COULMAS, 1986 *apud* SAN MARTÍN NÚÑEZ, 2015), e por isso tem sido usado como um grupo de fatores linguísticos em estudos recentes da sociolinguística.

Em língua espanhola, após uma busca detalhada nas obras variacionistas que controlam este tipo de variável, foi encontrada apenas com o estudo utilizando o tipo de discurso como uma variável dependente. Para San Martín Núñez (2015):

“[...] em termos gerais, é um recurso linguístico que permite aos falantes recriar uma situação discursiva, o que se materializa mediante a reprodução dos enunciados proferidos pelas vozes que intervêm na situação evocada e na reconstrução do correspondente contexto de enunciado.” (SAN MARTÍN NÚÑEZ, 2015, p. 75, tradução nossa)¹⁹

Além disso, a autora destaca que os tipos de discurso mais estudados são os estilos direto e indireto e o discurso narrativo.

Entretanto, neste trabalho considera-se o tipo de discurso como estruturas presentes na língua que estão dispostas para o falante quando este quer organizar seu discurso. Quando essas estruturas são utilizadas em situações reais de comunicação, caracterizam os gêneros do discurso, as quais são marcadas com tempo, modo e aspecto, pessoas do discurso que está em referência e unidades sintáticas e semânticas que são predominantes (PAREDES SILVA, 1999). São três as abordagens para as sequências discursivas que Paredes Silva (1999) aponta: (i) abordagem da estrutura da entrevista sociolinguística; (ii) influência do tipo de texto sobre determinada variável linguística; (iii) caracterização de um determinado tipo de texto em decorrência de uma determinada variável linguística.

Assim, inicialmente foi considerado os seguintes tipos de frase: exposição, narrativa, argumentação e descrição. Entretanto, com a finalização das análises do *corpus* pode-se observar que apenas exposição e narração apareceram em todas as entrevistas selecionadas. Acredita-se que devido o andamento da entrevista sociolinguística ser conduzida para a contação de fatos históricos sobre a vida do entrevistado, ainda que haja um caráter de afastamento do monitoramento do falante, não tenha um momento específico para a utilização deles.

Pode-se pontuar também que, em língua espanhola, se a forma usual para descrição de situações, coisas, pessoas etc. está vinculada ao *Pretérito Imperfecto* (ALCINA & BLECUA, 1975; BRUCART, 2001). Tal afirmativa também é corroborada por Matte Bon (1992) que apresenta o *Pretérito Imperfecto*:

¹⁹ Original: “en términos generales, es un recurso lingüístico que permite a los hablantes recrear una situación discursiva, lo que se materializa mediante la reproducción de los enunciados proferidos por las voces que intervienen en la situación evocada y la reconstrucción del correspondiente contexto de enunciación.” (SAN MARTÍN NUÑEZ, 2015, p. 75).

“Trata-se de apresentar a relação entre um sujeito e um predicado como algo total estático, imobilizado em um instante, igual quando se para um projetor em uma imagem para analisar e observar. Além disso, o imperfeito atribui à relação sujeito-predicado que apresenta, o *status* de mera característica de uma situação que o enunciador está tentando evocar ou descrever: no imperfeito não acontecem coisas, no sentido do que é expressado no imperfeito não remete diretamente a seu referente extralinguístico (ato, acontecimento ou processo), ao contrário do que acontece quando expressa algo no pretérito indefinido (pretérito perfeito simples). O imperfeito usa elementos extralinguísticos para plantá-los como marco situacional de uma informação. (MATTE BON, 1992, p. 27)²⁰

Com tudo, nesta análise apresenta-se apenas as variantes exposição e narrativa, seguindo a distribuição de frequência abaixo:

Tabela 06 – Frequência do grupo de fator tipo de discurso na variação PPC-PPS

Grupo de fator	PPC	PPS	Total
	Frequência (%)	Frequência (%)	
Exposição	30 (22,2%)	105 (77,8%)	135 (22,5%)
Narrativa	60 (12,9%)	405 (87,1%)	465 (77,5%)
Total	90 (15%)	510 (85%)	600

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na tabela, observa-se que o PPC aparece com mais frequência em discursos expositivos (30 e 22,2%), enquanto o PPS aparece com mais frequência em discursos narrativos (405 e 87,1%). Pontua-se assim, que, seguindo os estudos de Rodrigues *et al.* (1996), o PPS apresenta em um maior número de ocorrências, pois, segundo o autor, há uma correção entre os tempos verbais e as situações comunicativas.

Na seção seguinte, aborda-se sobre os grupos de fatores extralinguísticos que não foram considerados significativos estatisticamente.

5.3.2 Grupos de fatores extralinguísticos

Na subseção a seguir, apresenta-se e discute-se os grupos de fatores extralinguísticos descartado pelo programa GOLDVARB na rodada *step down*.

²⁰ Original: *Se trata de presentar la relación entre un sujeto y un predicado como algo totalmente estático, inmovilizado en un instante, igual que cuando se detiene el proyector en una imagen para analizarla y observarla. Además, el imperfecto le atribuye a la relación sujeto-predicado que presenta, el estatuto de mera característica de una situación que el enunciador está intentando evocar o describir: en el imperfecto no suceden cosas, en el sentido de que lo expresado en imperfecto no remite directamente a su referente extralingüístico (acto, acontecimiento o proceso), al contrario de lo que sucede cuando se expresa algo en pretérito indefinido. El imperfecto usa elementos extralingüísticos para plantearlos como marco situacional de una información.* (MATTE BON, 1992, p. 27)

5.3.2.1 Sexo

Na pesquisa sociolinguística, o interesse em controlar as variáveis de gênero vem da necessidade de entender até que ponto esse conjunto de fatores afeta os fenômenos variáveis da linguagem. Em outras palavras, o objetivo é investigar se o gênero do falante decide usar uma variante em detrimento da outra e, em caso afirmativo, como escolher entre essas variantes entre masculino e feminino.

Segundo a pesquisa de Paiva (2015), de acordo com o valor social das variantes inovadoras, quando a variante é bem conhecida na sociedade, as mulheres podem liderar o processo de mudança, e quando a variante não é credível, os homens podem liderar a mudança. Segundo a autora, nesse caso, a mulher assumiu uma postura conservadora. Paiva (2015) chamou a atenção para o fato de que essa configuração nem sempre se estabelece, pois no fenômeno da variável não está comprovada a natureza da variante prestígio/desprestígio.

Assim, determinarmos que o sexo feminino tenderia ao uso de PPS, forma conhecida, na literatura, como mais conservadora, e, conseqüentemente, o sexo masculino preferiria o uso de PPC, forma inovadora. No entanto, essa variável não exerceu influência para a variação entre as formas de tratamento PPS e PPC comunidade de fala de Montevideo. Observemos os percentuais apresentados na tabela abaixo:

Tabela 7 – Frequência do grupo de fatores sexo na variação PPC-PPS

Grupo de fator	PPC	PPS	Total
	Frequência (%)	Frequência (%)	
Homens	45 (15,8%)	240 (84,2%)	285 (47,5%)
Mulheres	45 (14,3%)	270 (85,7%)	315 (52,5%)
Total	90 (15%)	510 (85%)	600

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como já informado, o sexo dos informantes não foi considerado estatisticamente relevante pelo programa GOLDVARB, mas observa-se o percentual de uso da variante estabelecida como regra de aplicação, os homens encontram-se minimamente à frente com 15,8% de uso, enquanto para as mulheres, 14,3%. Levando em consideração os estudos de Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017), esperava-se que os homens tivessem predominância do uso do PPC, supondo que eles possuem um menor monitoramento da fala durante a entrevista. Com isso, acredita-se que os homens teriam uma frequência de uso maior que a das mulheres, tendo em vista que a forma de PPC geralmente é considerada como de menor prestígio.

Observa-se os exemplos abaixo:

(34) [...] ha cambiado...se han formado viviendas precarias. (MONV-M21-22)

(35) se han hecho pruebas y todo que no contaminan este incluso hace un tiempo atrás era más tranquilo ahora han hecho unos edificios (MONV-H11-031)

Como vistos, o ponto de vista adotado por essa variável é consistente com os primeiros trabalhos variacionista. Porém, uma das hipóteses deste trabalho não foi confirmada, embora essa variável não apresente significância no peso relativo, o percentual de uso nas rodadas de PPC e PPS contraria as expectativas iniciais. Entretanto, esses dados não são suficientes para confirmar que os homens estão liderando o processo de mudança no desenvolvimento do PPC no contexto do uso esperado do PPS de acordo com as normas consideradas padrões.

Na subseção seguinte, analisar-se-á o fator extralinguístico nível de instrução, também não considerado como significativo para a variação do PPS e PPC.

5.3.2.2 *Nível de instrução*

Desde os primeiros estudos da Sociolinguística, como o de Martha's Vineyard (LABOV, 1963), já era evidenciado que o nível de instrução, ou seus sinônimos nível de escolaridade, escolarização, grau de escolarização e até estudos, como um ponto social a ser considerado importante nesta corrente linguística. Já que o tempo de escolarização de um falante pode interferir na fala.

De acordo com Moreno Fernández (2009), pessoas que possuem um mais nível de escolarização dariam preferência ao uso de variantes consideradas de mais prestígio e ou que se aproximam da norma culta, enquanto as variantes de menos prestígio seriam mais frequentes entre falantes com o nível de escolaridade menor. Isso aconteceria pela valorização maior do ensino da norma culta pelas escolas e universidades, fazendo com que o indivíduo tenha mais contato com uma variante que com outra.

Entretanto, nem sempre essa relação social e linguística está diretamente relacionada. Neste estudo, por exemplo, a variação do PPC e do PPS não parece ter relação com o nível de instrução dos entrevistados. Observa-se a tabela a seguir:

Tabela 8 – Frequência do grupo de fatores nível de instrução na variação PPC-PPS

Grupo de fator	PPC	PPS	Total
	Frequência (%)	Frequência (%)	
Baixo	34 (18,3%)	152 (81,7%)	186 (31%)
Intermediário	28 (12,6%)	194 (87,4%)	222 (37%)
Elevado	28 (14,6%)	164 (85,4%)	192 (32%)
Total	90 (15%)	510 (85%)	600

Fonte: Elaborada pelo autor.

Inicialmente pode-se considerar que o nível baixo é quem detém a maior frequência de uso do PPC (18,3%), entretanto, quando leva-se em consideração a porcentagem do nível médio (12,6%) e alto (14,6%), a diferença não se torna expressiva. Além disso, considerando que o nível médio possui a menor frequência, e o nível alto tem uma frequência intermediária, as considerações teóricas de Moreno Fernández (2009) não se aplicam necessariamente a este estudo, sendo necessário observar outros estudos da área.

Assim, a relação entre o nível de instrução e o uso das formas linguísticas, apresentadas, não necessitam ser uma regra (BLAS ARROYO, 2004). Além disso, alguns estudos não colocam o condicionamento extralinguístico na escolarização, mas sim na estratificação social dos falantes. Por isso, faz-se necessário buscar em outros trabalhos com variantes dependentes diferentes da deste para conseguir explicar melhor estes dados²¹.

Um dos estudos que pode-se considerar é o de Medina López (2004) que trata da variação entre as formas *tú* e *usted*, considerando o *tú* como forma de menos prestígio e o *usted* como forma de mais prestígio, em três pontos das Ilhas Canárias, na Espanhol. Neste estudo, foram controlados a variantes analfabeto, ensino básico, ensino médio e ensino superior em Buenavistadel Norte, Tenerife; analfabetos e sem estudos, estudos primários incompletos, ensino básico, ensino médio e ensino superior, em Las Palmas de Gran Canarias; e analfabetos/sem estudos, ensino básico, ensino médio e ensino superior na ilha de La Gomera. O autor concluiu que os informantes com nível médio e superior favoreciam o uso do *tú* nas três comunidades. Com isso, contraria a teoria clássica sobre o nível de instrução.

Observa-se os exemplos a seguir:

²¹ A escassez de estudos aprofundados sobre o *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* no âmbito social trouxe a necessidade de buscar em estudos extras a observação sobre as categorias extralinguísticas. Além disso, a maioria dos estudos desta variação estão focados no Peru, onde Jara Yupanqui (2013) tem tentado explicar o fenômeno, entretanto, há foco no *Pretérito Perfecto Compuesto*.

(36) (...) pero una vez que se **expropió** el terreno para este / **perdió** este fondo que tenía // **ha cambiado** // **se han formado** viviendas precarias (...) (MAB)

(37) (...) **han robado** // nosotros tenemos una casa de de pesca también nos **robaron** // creo que lo más violento **fue** en la ferretería que sí (MAI)

(38) (...) los vi el a **hace** un año y medio / **fue** cuando **estuve** en Madrid / **fui** hasta hasta Vigo / los **vi** porque ellos sí viajan bastante // pero **han mantenido** sus vínculos con con Uruguay (HJE)

Através desses exemplos, pode-se observar que as formas de uso do PPC e PPS estão mais sujeitas a outros condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

Votre (2015) afirma que a influência da variável nível de instrução pode ser observada como um mecanismo de promoção quanto aos mecanismos de resistência à mudança, assim considera-se que, neste caso, a variação entre o PPS e PPC não está diretamente relacionada ao nível de instrução. Com isso, podemos também considerar que os indivíduos com o nível de instrução mais alto não estão encabeçando este processo de mudança, mas sim outros fatores.

Com a finalização desta análise, na próxima seção, apresentaremos as considerações finais deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa deteve-se no estudo da variação entre as formas perfectivas de pretérito *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* no espanhol oral de Montevideu, capital do Uruguai. Com o intuito de finalizar este trabalho, retomaremos o exposto anteriormente, apontando desde as considerações iniciais à análise e discussão dos dados, ainda apontando suas contribuições e sugerindo futuras pesquisas.

A primeira parte deste estudo dedicou-se a apresentar motivações, objetivos e hipóteses levantadas antes do início. Considera-se importantes os autores principais que dão base a este trabalho, Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2013) e Tarallo (2005), Beatriz Lavandera (1978), Silva-Covalán (2001), Duarte (2017), Givón (1984, 1990, 1995, 2001, 2005) e Pontes (2012). Ressaltam-se as lacunas que este estudo preenche, tendo em vista que há uma grande escassez de trabalhos aprofundados na área de Variação e Mudança do *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* no Uruguai, como apontado por Jara Yupanqui (2013). Finalizando com a apresentação dos objetivos, que coloca-se como a análise das formas de PPS e PPC, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos em uma comunidade de fala.

No segundo capítulo, fez-se um panorama sobre os usos de PPS e PPC utilizando o complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modo) para observá-los. Como ponto de observação utilizou-se os trabalhos de Givón(1984), Andrés de Bello (1964[1847]), Lope Blanch (1961), Moreno de Alba (1978), Matte Bon (1995), Gutiérrez Araus (1997), Cartagena (1999), Ralph Penny (2004), Gómez Torrego (2005), Oliveira (2007, 2010) e um dos mais recentes manuais da *Real Academia Española* (2010). De modo geral, foi apresentado as formas e usos de ambas as variantes dependentes deste estudo e o modo como elas são colocadas por cada autor. Além disso, fica claro a relação feita por muitos estudiosos dividindo a variação estudada apenas a variante do espanhol da América e espanhol da Espanha.

No terceiro capítulo, observa-se a fundamentação teórica utilizada para apoiar toda a pesquisa e seus aportes metodológicos. Separada em três momentos, iniciando sobre a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001; SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Em um segundo momento, expõe-se o Funcionalismo como base teórica para as categorias linguísticas de análise, sendo elas: Princípio da Marcação (GIVÓN, 1984, 1990, 1995; DUBOIS e VOTRE, 1994), Tipos de Verbo (VENDLER, 1957, 1967) e Sequência Discursiva (PAREDES SILVA,

1999). Por último, há uma explanação sobre o casamento teórico da Sociolinguística com o Funcionalismo, o Sociofuncionalismo, baseado nos estudos de Tavares (2003, 2013).

No quarto capítulo, foi exposto os procedimentos metodológicos que serviram de base para esta pesquisa, baseados em teorias a serem apresentadas no capítulo seguinte. Neste momento, explicitamos a classificação da pesquisa com base no método de abordagem, nos objetivos e procedimentos técnicos. Exposto, também, o método de coleta e distribuição das 36 entrevistas do *corpus Español oral de Montevideo*, pertencente ao *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA). Além da metodologia de categorização das entrevistas e das ocorrências. Expõe-se também a utilização do *software Goldvarb X* para o tratamento estatístico das ocorrências e como tais dados serão úteis na pesquisa.

No quinto capítulo, pode-se apreciar a análise dos dados obtidos. Das categorias de análise escolhidas (sexo, faixa etária, nível de instrução, tipo de verbo, tipo de discurso e modalidade), apenas faixa etária, tipo de verbo e modalidade se apresentaram como significantes estatisticamente para a variação. Baseando-se nos estudos expostos anteriormente, acreditava-se que o PPS teria uma frequência maior do que o PPC, revelado pelo estudo de Fontanella de Weinberg (2004), Aleza Izquierdo e Enquita Utrilla (2010). Assim, chegamos aos seguintes números: com um total de 600 ocorrências, sendo 510 ocorrências (85%) de *Pretérito Perfecto Simple* e 90 ocorrências (15%) de *Pretérito Perfecto Compuesto*.

Também, hipotetizou-se que o PPS estaria acompanhado de verbos que expressassem situações mais dinâmicas e o PPC a verbos que expressam situações de estado. Entretanto, os dados colocam com mais aplicação em verbos de culminação, com 56%, por outro lado o peso relativo tendência a variação para verbos de processo culminado, 0.469.

Com relação à modalidade, acreditava-se que os falantes tendessem a usar o PPS com valor de certeza (*realis*), enquanto utilizariam o PPC com valor de incerteza (*irrealis*). Neste ponto, os dados apresentam duas situações distintas, a forma *irrealis* realmente tendenciou-se ao uso de PPC, já que entre as ocorrências de *irrealis*, 54,9% indicam uso do PPC. Entretanto, o peso relativo coloca como mais propenso a variação a forma *realis*, com 0.454.

A faixa etária foi o único condicionamento social que demonstrou significância estatística para a variação, demonstrando que os jovens teriam uma tendência pouco mais expressiva que os adultos e muito mais expressiva do que os mais velhos. Assim, poderíamos concluir que, apesar de o PPC ser exposto como não usado na América, ele começa a ser

introduzido nos países americanos, como hipotetizado inicialmente neste estudo e exposto em outros trabalhos (JARA YUPANQUI, 2013; PONTES & ARAÚJO, 2018).

As demais categorias de análise, tipo de discurso, sexo e nível de instrução demonstraram não ter uma significância estatística para o programa, entretanto, foram feitas considerações sobre estas categorias.

Finalizando este trabalho, leva-se em consideração que algumas lacunas foram preenchidas, como a falta de bibliografia que tratasse sobre o *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* na oralidade do Uruguai, mais especificamente, Montevideu. A escassez de estudos na área foi uma das grandes dificuldades de desenvolvimento nos estudos, sendo muitas vezes amparados pelos estudos de Jara Yupanqui (2013, 2014), que focam-se nos estudos dessa variação no Peru, e tenta fazer um panorama em outros pontos da América.

Além disso, corrobora para uma visão nova de mudança em relação ao uso do *Pretérito Perfecto Compuesto* na América, tendo em vista que estudos mais antigos apontavam a inexistência deste tempo verbal na América. Aqui podemos observar que sim, há uma introdução dele no contexto do espanhol americano, ainda que seja introduzida entre as gerações mais novas. Corroborando para uma atualização em gramáticas e livros didáticos.

Por fim, recomenda-se um estudo mais aprofundado desta variação observando novos pontos, como acrescentar o estudo das funções de cada um dos tempos e seus usos dentro das comunidades de fala, voltado para a área de Sociofuncionalismo.

Também, pode ser sugerido um estudo estilístico do *corpus*, observando que as entrevistas contam com dados suficientes, como sexo, faixa etária e nível de instrução tanto do entrevistador quanto do entrevistado.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1994.
- ALCAÍNE, Azucena. **¿Son compatibles los cambios inducidos por contacto y las tendencias internas al sistema?** Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2007.
- ALEZA IZQUIERDO, Milagros; ENGUITA UTRILLA, José María. **La lengua española en América: normas y usos actuales**. Valencia: Universitat de València, 2010.
- ARAÚJO, J. G. G de; TIMÓTEO, L. M. Modalidade linguística e ensino de língua portuguesa: uma abordagem funcionalista. *In*: NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M. F. V. (org.). **Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 311-328.
- BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana**. Buenos Aires: EDAF, 2004.
- BLAS ARROYO, José Luis. **Sociolingüística del español: desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social**. Madrid: Cátedra, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- CARTAGENA, Nelson. Los tempos compuestos. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. cap. 45. (Real Academia Española, Colección Nebrija & Bello). p. 2935-2975.
- CASTRO, F. **Uso de la gramática española (elemental)**. Madrid, Edelsa, 1996.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolingüística. *In*: Martelotta, M.E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-156.
- COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. 1997. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões) – forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- COELHO, Izete; GÖRSKI, Edair M.; SOUZA, Christiane M. N. de; MAY, Guilherme H. **Para conhecer sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COMPANY, Concepción. ¿Qué es un cambio lingüístico. *In*: COLOMBO, Fulvia y SOLER, María Ángeles (coord.). **Cambio lingüístico y normatividad**. México: UNAM, 2003. p. 13-32.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

CONSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CORÔA, M.L.M.S. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2005.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1965.

DIAS, L. S. **Uma leitura semântico-pragmática da oposição Pretérito simple/pretérito compuesto no espanhol da América**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) –Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

DONNI DE MIRANDE, Nélica. El sistema verbal en el español de Argentina: rasgos de unidad y de diferenciación dialectal. **Revista de Filología Hispánica**, Madrid, v. 72, p. 655-670, 1992.

DUARTE, Denísia Kênia Feliciano; COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. A variação entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto no espanhol argentino. **Signo y Señal**, Buenos Aires, p. 91-107. set. 2016.

DUBOIS, S.; VOTRE, Sebastião Josué. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento lingüístico**: a procura da essência da linguagem. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994).

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. *In*: COULMAS, F. (ed.). **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 1997. p. 151-167.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. **El Español de la Argentina y sus variedades regionales**. Bahía Blanca: Editora de la Asociación Bernardino Rivadavia, 2004.

FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfeito no português**: variação/gramaticalização e mudança. 2007. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de lingüística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 159-241.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **Diccionario de perífrasis verbales**. Madrid: Gredos, 2006.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **El aspecto gramatical en la conjugación**. Madrid: Arco: Libros, 1998.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **El pretérito imperfecto**: repaso histórico y bibliográfico. *In*: GARCÍA FERNÁNDEZ, L.; CAMUS BERGARECHE, B. (ed.). **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004. p. 13-95.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. 9 ed. Barcelona: Biblograf, 1970.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990. v. 2.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. *In*: GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984. v. 1, p. 269-320.

GIVÓN, Talmy. **Context as other minds**: The pragmatics of sociality, cognition and communication. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. 8. ed. Madrid: SM, 2002.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: Ediciones SM, 2005.

GUTIERREZ ARAUS, Maria Luiza. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco: Libros, 1997.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos, **Organon**, Rio Grande do Sul, v. 14. p. 17-32, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. 1. ed. London: Edward Arnold, 1985.

HARRIS, M. **Studies in romance verb**. London: Croom Helm, 1982.

HEINES, R.F. A breakdown in simultaneous information processing. *In*: OBRECHT, G.; STARK, L. W. (ed.) **Presbyopia research: From molecular biology to visual adaptation**. New York: Plenum, 1991.

HENGEVELD, K. Blocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **J. Semantics**, Amsterdam, v.6, p. 227-269, 1988.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, University of New York, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HOWE, Chad; SCHWENTER, Scott. Present Perfect for Preterite across Spanish Dialects. **Penn Working Papers in Linguistics**, Pennsylvania, v. 9, n. 2, p. 61-75, 2003.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos**. São Paulo: Contexto, 2001.

JARA YUPANQUI, Margarita. **El perfecto en el español de Lima: variación y cambio en situación de contacto lingüístico**. Perú: Fondo Editorial, 2013.

KANY, C. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madrid: Gredos, 1969.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. v. 3: Oxford: Wiley Backwell, 2010.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**: Word. Cambridge: Cambridge University Press, 1963.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop: A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, Texas, v. 44, p. 6-22, 1978.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAVANDERA, B. Where Does de sociolinguistics variable stop? **Language Society**, Great Britain, n. 7., p. 181, 1978.

LINDSTEDT, J. **The perfect -aspectual, temporal and evidential**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2000. p. 365-3830.

LOPE BLACH, Juan Manuel. **Sobre el uso del pretérito en el español de México**. México: UNAM, 1961.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTIN, Ivan. **Síntesis**: curso de lengua Española. São Paulo: Ática, 2010.

MATTE BOM, Francisco. **Gramática comunicativa del español**: de la idea a la lengua. Madrid: Edelsa, 1995.

MILANI, Esther M. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2005

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO de ALBA, J. G. **Valores de las formas verbales en el español de México**. México: UNAM, 1978.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Información básica sobre el “Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América – PRESEEA (1996-2010)”. **Revista Española de Lingüística**, Espanha, v. 36, p. 385-391, 2006.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **La lengua española en su geografía**. Madrid: Arco; Libro, 2009.

MOYA CORRAL, Juan Antonio. **El español hablado en Granada III**: corpus oral para su estudio sociolingüístico: nivel de estudios bajo. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2009.

NOGUEIRA, Márcia T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO E GRAMÁTICA, 10., Natail. **Anais [...]**. Natal: EDUFRRN: D&G, 2006. p. 23-40. Tema: Linguística funcional: a interface linguagem e ensino.

OLIVEIRA e SILVA, Gisele Macheline. Coleta de dados. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 117-133.

OLIVEIRA, L.C. **Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto do espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes**. 2010. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

OLIVEIRA, Leandra. **As duas formas do pretérito perfeito em espanhol**: análise de corpus. Tese de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PAREDES SILVA, V. L. Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana. **Boletim da ABRALIN**, Florianópolis, n. 23, p. 81-93, 1999.

PENNY, Ralph. **Variación y cambio en español**. Madrid: Gredos, 2004.

PONTES, V. O. **Abordagem das categorias verbais de tempo, aspecto e modalidade por livros didáticos de língua portuguesa e de língua espanhola: uma análise contrastiva**. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada) – Curso de Especialização em Linguística Aplicada, Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2009.

PONTES, V. O. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista**. 2012. 265 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2012.

PRESEEA. **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá [<http://preseea.linguas.net>], 2014

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española: manual**. Madrid: Asociación de Academias de La Lengua Española, 2010.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1986.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.

ROJO, Guillermo: Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. *In*: BOSQUE, Ignacio (ed.). **Tiempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990. p. 17-43.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. **Goldvarb X – A**. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA CORVALÁN, Carmen. **Tense and Aspect in Oral Spanish Narrative: Context and Meaning**. New York: Linguistic Society of America, 1983.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Dordrecht. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1997.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2005.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de é, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista**. Natal: EDUFRN, 2013a.

TAVARES, M. A. Variação estilística no gênero “entrevista sociolinguística”: os conectores e, aí e então em narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião. 2011. Natal. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS DA UFRN, 2011, Natal. **Anais** [...]. Natal: UFRN, 2011.

VEIGA, Alexandre. **El presente histórico como hecho de sistema verbal**. Universidad de Santiago de Compostela: Verba, 14.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. *In*: VENDLER, Zeno. **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1957. p. 143-160.

VIDAL DE BATTINI, Berta. E. **El español de la Argentina**: estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 27-31.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Título original: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.